

**O FUTEBOL DE BOTÃO
E
AS NARRAÇÕES ESPORTIVAS**

Thiago Stephan Tavares

O FUTEBOL DE BOTÃO E AS NARRAÇÕES ESPORTIVAS

Por

Thiago Stephan Tavares

(Aluno do Curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada

à Banca Examinadora na disciplina

Projetos Experimentais

Orientador Acadêmico: Professor

Márcio de Oliveira Guerra

TAVARES, Thiago Stephan. **O futebol de botão e as narrações esportivas.** Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 1. sem. 2006, 79 fl.impre. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

Professor Mestre Álvaro Eduardo Trigueiro Americano

Professor Kleber Ramos Queiroz

Professor Doutor Márcio de Oliveira Guerra

Examinado o projeto experimental:

Conceito:

Em:

À minha mãe, Ana, pelo incentivo
ao longo deste percurso
e por em momento algum
ter deixado a “peteca cair”.

Ao meu pai, Flávio,
que mesmo longe
fez-se presente em minha vida.

À minha querida Vó Auta,
que ajudou na minha criação,
que me fez parar de fumar e
que me encheu de energia.

Ao meu irmão João,
grande companheiro desta jornada
que é a vida.

As minhas irmãs, Francesca e Letícia,
belas e fiéis companheiras.

Ao meu querido sobrinho Márcio, o mais novo botonista
da família, e que me azucrinou durante toda monografia
para que eu jogasse uma partidinha com ele.

SINOPSE

Estudo sobre as narrações realizadas por profissionais de rádio e TV em partidas de futebol de botão antes deles se tornarem profissionais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. FUTEBOL: ORIGEM E CHEGADA AO BRASIL

3. RÁDIO: DA ORIGEM AO ENCONTRO COM O FUTEBOL

4. FUTEBOL E RÁDIO: UMA DUPLA IRRESISTÍVEL

5. RÁDIO E FUTEBOL E A SOCIEDADE BRASILEIRA

6. NASCE O FUTEBOL DE BOTÃO

7. NARRANDO JOGOS DE BOTÃO: A VIA CONTRÁRIA DA

SENSORIALIDADE

8. CONCLUSÃO

9. REFERÊNCIAS

10. APÊNDICES

“E o Eduardo gostava de novela e jogava futebol de botão com seu avô”.

Renato Russo

“Para estufar esse filó, como eu sonhei, só, se eu fosse o rei”.

Chico Buarque

“Mas é claro que o sol vai voltar amanhã, mais uma vez”,
eu sei...quem acredita sempre alcança”.

Renato Russo e Flávio Venturini

“Eu jogo limpo, jogo sério sem esbulho,
Pois pra mim adversário considero como irmão.
Aviso logo para quem jogar comigo que
somente me vencendo poderá ser campeão”.

Trecho do hino do botonista, por Geraldo Cardoso Décourt

1 INTRODUÇÃO

O futebol de botão e as narrações esportivas. Este é o tema que esta monografia aborda. Um tema novo, com poucas referências, mas que tem como pano de fundo um assunto caro ao povo brasileiro: a paixão pelo futebol. Mas de onde surgiu a idéia para escrever um tema tão diferente?

No início queria escrever sobre o futebol de botão, mas encontrava dificuldade para relacionar o tema com algum assunto da Comunicação Social. Este problema foi solucionado no primeiro encontro com o professor Márcio Guerra, orientador deste trabalho. Naquela oportunidade o professor falou: “porque você não escreve sobre as narrações ocorridas nas partidas de futebol de botão?”.

Assim surgiu o tema. Dali em diante, um difícil desafio pela frente: tentar comprovar que o futebol de botão foi um exercício importante na formação de profissionais do rádio e tv. Tentar provar que o rádio, tendo o futebol como parceiro, seduziu várias gerações, as quais demonstravam esta sedução através das narrativas nas partidas de botão.

Tema definido, veio o período de pesquisa através de livros, revistas e *sítes*. Neste momento começaram a aparecer as dificuldades com bibliografia. Por ser um tema pouco estudado, muitas informações utilizadas foram tiradas diretamente da *web*, através de uma longa pesquisa em *sítes* dos mais variados estilos. Os poucos livros encontrados sobre o assunto traziam as mesmas informações encontradas na internet e em nenhum deles foram encontradas citações sobre o objeto de estudo deste trabalho.

Depois do período de leitura, veio o contato com as fontes. Era final de junho, início de julho. Logo no primeiro *e-mail* enviado uma descoberta: a data para a realização da pesquisa não era das melhores. "O José Silvério está muito atarefado e de viagem marcada para a Alemanha. Qualquer contato com ele somente depois da Copa do Mundo" – respondeu Eliane Leme, assessora de comunicação da Rádio Bandeirantes em São Paulo. Isso aconteceu com alguns profissionais. E como se não bastasse, boa parte deles ao término da Copa do Mundo entraram de férias, ficando ainda mais incomunicáveis. Diante disso, no desenvolver da pesquisa foram utilizadas fontes que eram de mais fácil acesso.

Na redação o trabalho foi dividido em oito capítulos. O primeiro conta a origem do futebol na Inglaterra, as polêmicas envolvendo qual povo foi o verdadeiro inventor do futebol, sua chegada ao Brasil através de Charles Miller e o desenvolvimento deste esporte em nosso país.

No segundo capítulo foi abordado a chegada e o desenvolvimento de outro fenômeno de massa ao Brasil: o rádio, um invento com mais de cem anos que permanece na vida das pessoas. Assim como no caso do futebol, também no rádio encontramos polêmicas relativas à paternidade da criação.

No terceiro capítulo, foi tratado do encontro do rádio com o futebol e a formação desta dupla inseparável e imbatível. Rádio e futebol têm aproximadamente a mesma idade (o futebol é um pouquinho mais velho), cresceram juntos e nunca mais se separaram.

No quarto capítulo abordamos o que esta dupla representou dentro da sociedade brasileira, seu envolvimento com a política e com a construção de uma identidade nacional.

Esses quatro capítulos iniciais serviram para embasar a segunda parte do trabalho. O quinto capítulo marca a entrada no objeto de estudo proposto, com a apresentação do futebol de botão, suas possíveis origens, com espaço também para seus “causos”.

Em seguida, um capítulo construído com base nas entrevistas que foram realizadas. Tudo isso para dar um bom argumento aos futuros botonistas quando suas mães gritarem: “vai estudar menino, larga estes botões que isso não vai te levar a lugar nenhum”. Eles bem que poderiam responder: - “estou treinando para ser radialista esportivo”.

2 FUTEBOL: ORIGEM E CHEGADA AO BRASIL

O futebol surgiu na Inglaterra em meados do século XIX. Logicamente ele não “nasceu” pronto como o vemos hoje em dia. Teve que passar por inúmeras adaptações. O rúgbi já existia naquela oportunidade e era muito popular. Todavia, era praticado principalmente com as mãos e a bola era oval. Foram os alunos da Universidade de Cambridge que tomaram a decisão de praticar um esporte jogado com os pés e com a bola redonda.

Da mesma maneira que o rúgbi foi também uma outra escola muito conhecida que mais incentivou e desenvolveu o futebol. A Escola ou Universidade de Cambridge. Seus alunos, por esta ou aquela razão, deram preferência ao jogo da bola com o pé. Já existia a bola redonda e o futebol era a forma de recreio dos estudantes. Logicamente que também era jogado em outras parte fora de Cambridge. Nos parques e campos e outras escolas. (SALDANHA, 1971, p. 15)

O futebol em Cambridge era praticado no pátio da escola. O número determinado de jogadores parece ter surgido de forma casual e contando com a ajuda dos diretores, que dividiam as turmas com dez alunos. Para cada uma delas, um inspetor. Com uma “mãozinha” do clima daquela ilha e estava definido o número de participantes de cada equipe, como nos conta o jornalista João Saldanha em seu livro “O futebol”, publicado em 1971.

A verdade é que da Universidade de Cambridge partiram as principais leis e idéias do futebol moderno. Por exemplo, em 1963, durante as comemorações do centenário de fundação da Liga Inglesa, quando muitas discussões se travavam em torno das coisas do futebol, juntamente com o jornalista Albert Laurence, perguntamos a um dos componentes do grupo que organizara a publicação *Os Cem Anos da Liga Inglesa*:

“Ora, o futebol é filho do rúgbi, mas por que o futebol é jogado onze contra onze e o rúgbi por quinze de cada lado (há também rúgbi de treze)?”

O velhote respondeu:

“Existem algumas opiniões a respeito e é melhor não mexer muito no assunto”, e acrescentou baixinho: “Temos escoceses aqui presentes.” E continuou: “Há uma razão que parece muito lógica. As “classes” ou turmas de Cambridge eram constituídas por dez alunos. E jogavam futebol entre si para se aquecerem nos recreios do inverno. Acontece que cada turma tinha um bedel (espécie de inspetor ou tomador de conta da turma). Como o bedel ficava sentindo frio, os rapazes democraticamente o convidaram para fazer parte do jogo. Daí, onze contra onze.” É a explicação mais razoável, por que é certo que as leis elaboradas em Cambridge foram as que serviram para unificar o futebol como jogo”. (SALDANHA, 1971p. 16)

Os escoceses e alemães contestam a paternidade inglesa do futebol. Mas são os italianos os mais veementes críticos quanto à origem do esporte mais popular do planeta. Para eles, a gênese deste esporte está ligada ao século XV, quando em Florença era jogado um jogo semelhante ao futebol, chamado de *calcio*. O assunto é tão polêmico que até hoje o Campeonato Italiano de Futebol é chamado de Calcio.

É tal a importância do jogo italiano na história do futebol que os italianos reivindicam ser este o verdadeiro começo do futebol moderno. Vai a tal ponto as discussões intermináveis e sem concessões que diferentemente de todos os países do mundo onde o jogo se chama futebol, os italianos continuam chamando de calcio. Os ingleses chamam sua organização principal de Foot-Ball Association. Os italianos formaram a sua Federazione Italiana di Calcio. Os jogadores são conhecidos como calciatori e a imprensa, rádio, televisão, toda a literatura enfim só fala e escreve calcio. O povo e torcida também não aceitam de outra maneira. Para reforçar sua tese, os italianos costumam dizer que a primeira bola vista na Inglaterra foi levada pelos romanos, quando lá estiveram. Esta discussão jamais será decidida. Mas a verdade é que por toda parte havia o jogo de bola. (Id., p. 09)

Todavia, o *calcio* de Florença estava bem mais distante do futebol de hoje em dia do que aquele praticado em Cambridge. Assim, oficialmente, o

futebol teve sua “certidão de nascimento” registrada na Inglaterra, no dia 1º de dezembro de 1863, data de criação da Liga Inglesa de futebol.

Este esporte só chegaria ao Brasil no final do século XIX. Fábricas de tecelagem, construtoras de ferrovias, frigoríficos, tinham inúmeros funcionários ingleses que costumavam “bater uma bolinha”. Todavia, os louros da glória pela introdução do futebol no Brasil ficaram para um brasileiro, que em outubro de 1894 desembarcava na Estação da Luz, em São Paulo, vindo da Inglaterra e trazendo na bagagem duas bolas de couro e equipamentos utilizados na prática do esporte.

Mas o grande impulsionador do nosso futebol foi Charles Miller. Filho de um cônsul britânico de São Paulo, mas nascido no Brasil, Miller era jogador hábil e profundo conhecedor das regras. Também apitava jogos e ninguém discutia com ele. No país de seu pai, chegou à primeira divisão e jogando pelo Southhampton, sendo inclusive integrante do selecionado do Condado de Hampshire. (SALDANHA, 1971, p. 45/46)

Charles Miller era audacioso e parecia mesmo convicto na idéia de implantar o futebol em nosso país.

Miller tornou-se sócio do São Paulo Athletic Club, formado por funcionários de empresas inglesas instaladas no Brasil. Ali organizou duas equipes, que em 15 de abril de 1895, disputaram, em São Paulo, na Várzea do Carmo, entre as ruas do gasômetro e Santa Rosa, o primeiro jogo realizado no Brasil segundo as regras trazidas por ele da Inglaterra”. (SOARES, 1994, p. 22)

Não demoraria muito para que aquela estranha correria caísse no gosto dos brasileiros. O destino conspirou a favor da divulgação e prática do esporte inglês.

Alunos brasileiros do Mackenzie College viram os ingleses do São Paulo Athletic Club treinando futebol (o clube e a escola são próximos). Gostaram do jogo e

começaram a dar os primeiros chutes numa bola de basquete, trazida dos Estados Unidos pelo professor Auguste Shaw (que pretendia introduzir este esporte na escola). Vencido por seus discípulos, Auguste Shaw participou da formação do primeiro time de futebol de brasileiros, na Associação Atlética Mackenzie College de São Paulo. Era o goleiro da equipe. (Idem, p. 22/23)

Outro importante nome dos primórdios do futebol no Brasil é Hans Nobiling. Nobiling chegou da Alemanha em 1897 com o objetivo de criar um clube semelhante ao Germânia de Hamburgo, do qual havia sido jogador. Em 1899, juntamente com outros empresários europeus, fundou o Sport Club Internacional. Mas ele ficou magoado com a negativa de seus companheiros em chamar o clube de Hamburgo. Dezessete dias depois da fundação do Sport Club Internacional, Nobiling fundava o tão sonhado Germânia, que mais tarde passaria a chamar Pinheiros. Nesta altura do campeonato já era possível encontrar jovens chutando bola próximos à Baía da Guanabara.

No Rio de Janeiro, o primeiro jogo de futebol foi realizado em 1º de agosto de 1900, por iniciativa de Oscar Cox, que conhecera o esporte na Suíça, onde estudara. Em 19 de outubro de 1901 enfrentaram-se pela primeira vez os combinados paulista e carioca” (Ibidem, p. 23)

Assim, o futebol nasceu no Brasil. Mas ele ainda estava muito longe de ser o fenômeno de massa de hoje em dia. Pertencia à aristocracia, a qual não tinha o objetivo de misturar-se com o restante da população. Os negros e mestiços, por exemplo, só foram aceitos no futebol na década de vinte, e mesmo assim sob protestos.

O caso mais notável da época aconteceu no Rio de Janeiro, com o Vasco da Gama, clube sustentado pela grande colônia portuguesa daquela cidade. Para o campeonato carioca de 1923, o Vasco colocou em sua equipe principal quatro brancos analfabetos e quatro negros ou mestiços (Conceição e Bolão, motoristas

profissionais; Ceci, pintor de paredes, e Nicolino, estivador).

Jovens estudantes e executivos de empresas estrangeiras que jogavam em outros times viram com muito desagrado essa ascensão, até porque o Vasco da Gama, com seus novos jogadores, foi o campeão daquele ano. Seus jogadores participavam dos jogos com muito mais entusiasmo e preparo atlético. Acostumados ao trabalho pesado, tinham desenvolvidos condições físicas difíceis de serem igualadas por seus adversários. (Ibidem, p.25).

Voltando ao início do século XX, a imprensa ainda não “dava bola” para o jovem esporte bretão. O futebol era visto como assunto não-sério, não cabendo a ele espaço nas folhas dos diários da época.

Calculem os senhores que quando efetuamos o primeiro jogo interestadual solicitei aos jornais de então que dessem curso à notícia do prélio realizado. Pois a resposta do *Estado de S. Paulo*, *A Platéia* e o *Diário Popular* foi uma só: “Não nos interessa semelhante assunto”. (WITTER apud SOARES, P. 23)

O futebol tinha que “crescer” primeiro. Tinha que ficar mais popular. E ficou, mas isso não aconteceu da noite para o dia. Além da discriminação racial, outras questões sociais também eram grande empecilho à popularização do esporte.

Mas nosso futebol ainda era muito limitado no começo deste século e fim do outro. A limitação principal estava em que era um esporte caro. Nem é outra a razão pela qual era praticado em sua quase totalidade por gente rica. Pelos grã-finos da época. Para se ter uma idéia, as bolas eram importadas e o jogo parava quando uma se estragava. Então, tinha que se esperar que outra fosse mandada da Inglaterra. Não era qualquer mãe que permitia que seu filho estragasse as botinas batendo bola. E o resto do material? Tão difícil e inacessível como o material do pólo ou do golfe, esporte eminentemente para gente rica. (SOARES, 1994, P. 46/47).

Mas como um esporte praticado inicialmente pela aristocracia se tornou tão popular? Para podermos explicar esta questão teremos que analisar primeiro a chegada de outro fenômeno de massa ao Brasil: o rádio. Mas este é assunto para o próximo tópico deste capítulo.

3 RÁDIO: DA ORIGEM AO ENCONTRO COM O FUTEBOL

O ano de 1894 é especialmente marcante para nosso estudo. Foi o ano em que Charles Miller chegou ao Brasil com as bolas de futebol na bagagem. Foi também o ano da primeira transmissão de som através de ondas de rádio, realizada na França pelo físico inglês Oliver Lodge. Lodge baseou-se nos estudos do alemão Rudolph Hertz, o qual em 1887 descobriu a existência destas ondas. Hertz morreria em 1894 sem ver o sucesso que seus estudos alcançariam.

Todavia, a história do rádio é cheia de imprecisões e polêmicas. Tanto que quem entrou para a história como o inventor do rádio foi Guglielmo Marconi, que também anunciou sua descoberta no ano de 1894. Mas se o assunto é polêmico, não podemos deixar de falar em Luciano Klöckner, que em seu livro “A Notícia na Rádio Gaúcha”, afirma que o porto-alegrense Roberto Landell de Moura foi o verdadeiro “Padre” do rádio, pois em 1893, ou seja, um ano antes de Marconi, utilizando uma válvula amplificadora com três eletrodos, criada por ele, conseguiu emitir e receber a palavra humana através do espaço em plena Avenida Paulista.

Se quanto à origem os historiadores divergem, no que se referem à primeira transmissão radiofônica no Brasil todos concordam. Ela aconteceu em um ano muito marcante na história brasileira, um ano de efervescência.

No Brasil, a data da primeira transmissão não apresenta divergência. Todos concordam que foi em 22 de abril de 1922, no dia 7 de setembro, com a transmissão do discurso do presidente da República Epitácio da Silva Pessoa. (GUERRA, 2002, P. 14)

A história do futebol em nosso país está ligada à Estação da Luz, em São Paulo, local aonde Charles Miller desembarcou com as bolas de couro. Já a história do rádio está ligada ao Rio de Janeiro, ao Corcovado, local aonde foi instalada a antena transmissora destinada à primeira transmissão radiofônica.

No Rio de Janeiro, da Praça Paris ao Calabouço – graças a uma transmissora instalada no Corcovado pela Companhia Telefônica Brasileira e pela Westinghouse Electric Internacional Co. – a população pode ouvir um discurso do primeiro locutor; quem diria, o presidente Epitácio Pessoa. (ALMEIDA, 1989, p. 007)

Mas após a transmissão do discurso do presidente a estrutura de rádio utilizada foi desmontada, ficando aquela transmissão como um fato isolado na história e sem maiores conseqüências. Serviu apenas como marco, pois tinha mais motivação política do que propriamente uma motivação maior relacionada ao campo das comunicações, uma vez que a maior preocupação do presidente Epitácio Pessoa era a chegada das eleições.

Foi o chamado “Ano da Ruptura”, da realização da 1ª Semana de Arte Moderna, o período em que a campanha pela sucessão de Epitácio Pessoa estava nas ruas. De um lado, Nilo Peçanha, e, de outro, Arthur Bernardes, candidato da situação. Vitória da situação, denúncias de fraudes, e então o presidente Epitácio Pessoa teve que manter pulso forte para chegar ao fim de seu mandato. Uma das formas foi promover uma grande celebração do Centenário da Independência. (GUERRA, 2002, p. 14)

Antes disso, em 1919, já existia o Rádio Clube de Pernambuco. Todavia, esta rádio não tinha objetivo de transmitir, e sim ouvir as rádios norte-americanas WEAFF e KDKA. Assim, o verdadeiro marco inicial das transmissões radiofônicas no Brasil aconteceu sete meses após o discurso de Epitácio Pessoa.

Porém, no dia 20 de abril de 1923, com o objetivo de “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”, foi inaugurada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (atual Rádio MEC), graças à iniciativa dos professores Henrique Morize e Roquete Pinto. “Todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão livremente o conforto moral da ciência e da arte; a paz será realidade entre as nações”, profetizava Roquete, um idealista.(ALMEIDA, 1989, p. 007)

Rapidamente as rádios se disseminaram pelo país. Foi o período em que as rádios eram mantidas por clubes ou sociedades de pessoas que acreditavam, que eram entusiastas deste novo veículo de comunicação. Tempos depois o rádio saíria da guarda dos clubes, sociedades e colaboradores para cair nas mãos da iniciativa privada.

Os norte-americanos estavam um pouco à nossa frente no que se refere ao desenvolvimento do rádio. Foi lá o primeiro país que o veículo se tornou popular, através do rádio de galena, o qual foi patenteado em 1906 pelo coronel norte-americano H. C. Dunwoody. Este modelo de rádio era de fabricação caseira e era montado em caixas de charuto. Foi também nos Estados Unidos que aconteceu o primeiro flerte entre o rádio e o esporte.

É nesta época que o rádio, não no Brasil, mas nos EUA, descobre seu mais novo filão. Jack Dempsey e Georges Carpentier, dois robustos norte-americanos, são os personagens do primeiro evento esportivo transmitido pela radiofonia, no dia 21 de setembro de 1921: uma luta de boxe válida pelo título mundial de pesos-pesados. (Ibidem, p. 008).

No Brasil, a princípio, os veículos de comunicação mantiveram-se afastados dos esportes. É que ambos ainda estavam presos ao amadorismo e elitismo que marcou o início destes dois fenômenos no Brasil.

O relacionamento entre futebol e rádio foi, a princípio, difícil. Primeiro eles nem se conheciam pessoalmente, mas já tinham um “ciúme danado” um do outro. Depois de se conhecerem, começaram a conversar e a se entender melhor. Nesta época, as rádios já divulgavam locais e resultados dos jogos. Mas demoraria ainda algum tempo para que pudessem se tornar verdadeiros companheiros. Mas tudo aconteceu no seu devido tempo e em 1931 efetuava-se a maior parceria que o século XX teve notícia. Nem futebol nem rádio jamais seriam os mesmos.

O rádio se expandia em todo o país e seu futuro grande “parceiro”, o futebol, também ia ganhando espaço junto à população. Já em 1930 começava o “namoro” do rádio com o futebol. Primeiro com informações curtas sobre os resultados das partidas. Em 1931, Nicolau Tuma, da Rádio Educadora Paulista, teve a responsabilidade de transformar uma partida de futebol em espetáculo radiofônico. Era uma partida válida pelo 8º Campeonato Brasileiro de Seleções. Jogo entre as seleções de São Paulo e do Paraná: *“Eu precisava dar a impressão ao indivíduo que estivesse ouvindo com os dois fones do rádio galena, que ele estaria apreciando e vendo quase, e completamente com sua imaginação a minha descrição”* (GUERRA, 2002, P. 23)

Nicolau Tuma, além de entrar para a história do radialismo esportivo do Brasil como primeiro a transmitir uma partida de futebol, foi também o responsável pela criação da primeira técnica de narração. Até hoje locutores assemelham-se ao estilo de Tuma. Em seu livro “A Bola no Ar-Rádio Esportivo em São Paulo”, Edileuza Soares confirma a importância de Nicolau Tuma, o “*speaker* metralhadora”, assim chamado pelo número de palavras que falava por minuto, para o rádio brasileiro. Conseqüentemente, acabou também sendo muito importante para o futebol.

O rádio foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na

definição do rádio como meio de comunicação de massa. O ponto de partida desse processo é a primeira narração detalhada de um jogo de futebol. A transmissão coube ao locutor Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista (primeira emissora de São Paulo, fundada em 1923), durante o VIII Campeonato Brasileiro de Futebol, em 1931. Jogaram as seleções de São Paulo e do Paraná, no campo da Chácara da Floresta, no Bairro da Ponte Grande, em São Paulo. Nesse dia, foi criada uma técnica para a transmissão direta de futebol. E teve início a simbiose, que dura até hoje, entre radiojornalismo esportivo e este esporte. (SOARES, 1994, p. 17)

Mas ainda nesta época o rádio era mantido pelas “sociedades”. Não era permitida abertamente a publicidade durante a programação, apesar da existência de alguns “jabás”. Assim, as emissoras eram financiadas, não havendo a necessidade da busca de recursos. Com isso, a programação das rádios era destinada a uma pequena parcela da população, ou seja, a elite. A autorização da publicidade pelo governo foi um importante acontecimento para a popularização das rádios.

Em 1932, porém, o governo autorizou, pelo Decreto 21.111, a veiculação de publicidade no rádio (embora, antes disso, as emissoras já fizessem discretamente anúncios de produtos). Tornou-se necessário ao rádio reformular a sua programação e criar gêneros para atingir o grande público. (Ibidem, p. 26)

O futebol foi um gênero que se encaixou perfeitamente dentro desta nova realidade. Realidade complexa naqueles tempos. Se por um lado o governo permitiu a publicidade, por outro, aumentou a fiscalização na programação das rádios. Este controle se deu, sobretudo devido à agitação política com a Revolução de 30. Assim, era seguinte a situação do rádio quando do início da sua popularização, conforme nos conta Edileuza Soares.

a. Um governo centralizador que restringe o radiojornalismo pela inibição a qualquer desvio da orientação oficial,

mediante o controle das concessões.(...) b.Um meio de divulgação – o rádio – que precisa se transformar num veículo de massa para conseguir anúncios de empresas. c.Um esporte de massa, o futebol, com jogadores profissionais e clubes que, para sustentar os novos gastos, necessitam de jogos com grandes públicos pagantes.

O rádio esportivo tem os requisitos para atender estas três demandas: é informativo sem se envolver com a política do governo; conquistou o público e, em consequência, os anunciantes; mantinha, nesses ouvintes o interesse pelo futebol. (Id. p. 09).

Então, rádio e futebol se encontraram para nunca mais se separarem. Os dois se encaixaram de maneira tão perfeita que até hoje ainda não conseguimos definir o limite de um e de outro. Uma associação que a matemática não consegue explicar: um mais um dá bem mais que dois. Ambos afetaram de forma marcante a população brasileira, encontrando na nossa sociedade elementos que permitiram o engrandecimento desta união, da qual originou um dos traços mais marcantes da cultura brasileira. Mas isso é o assunto para os próximos tópicos.

4 RÁDIO E FUTEBOL: UMA DUPLA IRRESISTÍVEL

Ver um jogo de futebol no estádio é muito diferente de assisti-lo pela TV. Como é completamente diferente de ouvi-lo pelo rádio. Ouvir uma partida de futebol pelo rádio é um exercício para a imaginação. Os narradores são contadores de histórias. Eles descrevem o que estão vendo e com estas palavras o ouvinte consegue formar imagens mentais do que esta sendo narrado e acaba por se “transportar” para o local do jogo: um jogo imaginário diferente em sensações e cores em cada mente.

Os locutores esportivos recorrem as mais diversas estratégias para concretizar a sedução junto aos torcedores. Seja através de uma linguagem estereotipada, de uma associação do jogo à guerra, de adjetivações que, ao contrário do que sempre se apregooou entre os comunicadores sociais, nada tem de pobre ou banal. Através de uma retórica de amplificações, o narrador convida o ouvinte a fazer parte do espetáculo. Ele é parte de todo processo de transmissão. “O narrador dá um novo sentido à metáfora tradicional. Logo, o torcedor adota esse novo significado e passa a repeti-lo à exaustão. O uso da retórica estimula a visualização do jogo e abre espaço para a fantasia e o sonho do espetáculo”. (ALMEIDA apud GUERRA, 2006, p. 54)

O surgimento da imagem num veículo de comunicação indicava para o fim do rádio. Por que ouvir uma partida se poderíamos assisti-la, vendo todos os lances? Porém, as partidas na TV tiraram algo do torcedor que o rádio explorava muito bem: a capacidade de imaginação.

O rádio tem um espaço da criação junto à imaginação dos ouvintes. Essa riqueza da comunicação perde força exatamente quando a sociedade deixa de ser narrativa para ser figurativa e ilustrativa com o surgimento da televisão. Porque a TV passa a transmitir de uma forma direta, sob os mais diversos ângulos, onde o telespectador vê a jogada, literalmente, sob os mais diversos pontos de vista. Ao eliminar essa narrativa radiofônica, elimina-se o mito para se ter em seu lugar o

ídolo, que é projeção de uma imagem. (GUERRA, 2006, p. 60)

Além disso, assistir um jogo pela TV em vez de ouvi-lo pelo rádio é priorizar a visão em detrimento da audição. Lógico que as partidas da TV são narradas, mas não exatamente como no rádio. A TV ainda procura sua identidade de narração, visto que narrar o que se está vendo acaba sendo redundante.

A audição, pelo contrário, provoca uma integração entre a percepção do ambiente e auto-percepção – ouve-se a si próprio e ao entorno, num único cenário auditivo. A audição é mais interativa, por não isolar, especialmente, o sujeito do objeto da percepção. Percebemos o visto como algo externo ao corpo, enquanto o que ouvimos ressoa dentro de nós. (MEDITSCH apud GUERRA, 2006, p. 68)

A voz é uma grande aliada nesta predominância da audição como sentido, como destaca Roland Barthes.

A voz humana é, com efeito, o lugar privilegiado (eidético) da diferença: um lugar que escapa a toda ciência, pois não há nenhuma ciência que esgote a voz; classifiquem, comentem historicamente, sociologicamente, esteticamente, tecnicamente a música, haverá sempre um resto, um suplemento, um “lapsus”, um não dito que se designa ele próprio: a voz. Este objeto sempre “diferente” é colocado pela psicanálise na prateleira dos objetos do desejo... Toda a relação com uma voz é forçosamente amorosa”. (BARTHES apud GUERRA, 2006, p. 58)

Assim, com sua voz que ressoa dentro do corpo do ouvinte, o locutor de futebol narra muito mais do que só o jogo.

As metáforas, metonímias, hipérboles, onomatopéias, concretizadas nos bordões, transformaram-se em recursos estilísticos, que dão forma à narração, permitindo ao ouvinte visualizar o campo de disputa e os jogadores. Ao contrário do que se possa pensar, o rádio é um meio essencialmente visual. Os olhos constituem a imaginação do ouvinte, o que aumenta a polissemia

interpretativa. Uma imagem em cada mente. A enunciação - como ato de produção de um texto - consiste na busca constante da emoção através de polarizações como sucesso e fracasso, fortuna e falência, amor e ódio, glória e decadência, virtuosismo e incompetência. (ABREU apud GUERRA, 2006, p. 81)

O narrador narra um espetáculo que se passa à distância, mas que ao mesmo tempo está muito perto, dentro de nossa cabeça, em nossa imaginação. Tudo que o locutor de rádio fala é verdade, cabendo a nós, ouvintes, criarmos o jogo em nossa mente.

Sempre achei que o futebol perdeu muito, em fantasia, depois que apareceu a televisão, aplacando no torcedor a capacidade de sonhar cada drible, cada passe, cada chute, cada gol. Graças a Deus, o rádio me pegava pela mão e me transportava aos campos de futebol na minha utopia. Abençoado o rádio que me nutriu de tantos devaneios recolhidos nas tramas da grande área. (SILVEIRA apud GUERRA, 2006, p. 56)

Assim como ouvir um jogo no rádio depende de nossa imaginação, imaginamos sempre que nosso time está jogando melhor quando ouvimos as transmissões radiofônicas. Os locutores também têm certa “culpa” nisto. Afinal, um simples chute a gol que não levou perigo ao goleiro passa a ser um chute perigoso que passou rente à trave. Isso acontece pelo fato das narrações esportivas no rádio celebrarem um duplo encontro da criatividade: a capacidade imaginativa de nosso povo, sempre sonhador, com a criatividade de nossos profissionais de rádio, únicos no mundo.

Levei anos, desde o tempo da TV Tupi, fazendo testes e comparações, tudo dentro da mais rigorosa isenção, de forma que agora posso afirmar, sem qualquer dúvida, que os nossos times de futebol jogam melhor no rádio do que na televisão. É que os locutores das rádios vêem tudo, mas tudo mesmo, o que não acontece com os locutores e comentaristas da televisão. (NOGUEIRA apud GUERRA, 2006, p. 56)

Os narradores portugueses também têm sua criatividade. No livro **É golo pá!** as narrações em Portugal são estudadas e “traduzidas” para o “brasileirês”.

“Fábio ajudou a tapar os caminhos da baliza, durante a primeira parte mas nunca revelou força para servir de elo de ligação entre os médios e os avançados. Ficou nos balneários aquando do intervalo. Fábio ajudou a “fechar” a defesa, a fechar os caminhos do gol durante o primeiro tempo, mas não teve fôlego para fazer a ligação entre o meio campo e o ataque. “Ficou nos balneários aquando do intervalo” significa, simplesmente, foi substituído, foi pro chuveiro no intervalo”. (ROBERTO E BOGO, 1999, p. 13)

O rádio enquanto veículo de comunicação está mais junto do povo. É mais ágil que os outros veículos. Apresenta uma linguagem mais coloquial que a tv. É o veículo mais presente em ambientes de trabalho, uma vez que é possível desempenhar o trabalho ouvindo o rádio. Quando sai um gol, por exemplo, enquanto você está trabalhando, a expectativa fica enorme enquanto o locutor estende o grito de gol, uma vez que você ainda não tem a certeza sobre quem assinalou o tento, visto que estava mais concentrado em outra atividade. Mas é só escutar o grito de gol que o ouvido passa a ficar mais “atento” e ansioso. É que o gol é um momento mágico. A ansiedade só passa quando o grito é encerrado e o locutor confirma o autor do gol. Em seguida, euforia ou tristeza. E sem parar de trabalhar.

Outro elemento das transmissões esportivas que causa grande expectativa é o sinal sonoro para indicar o placar. O primeiro a utilizar tais sinais foi Ary Barroso, grande nome da música popular brasileira. Mas não é que o autor de Aquarela do Brasil também tem grande reconhecimento na

história do rádio e do radialismo esportivo em nosso país. A gaitinha do Ary Barroso era tocada toda vez que saía um gol, causando o mesmo sentimento de expectativa do grito prolongado de outros narradores. Ainda hoje esses sinais sonoros que dão mais “cor” às transmissões esportivas são amplamente utilizados. Também são muito utilizados em vinhetas que anunciam o tempo e o placar.

O rádio está muito mais presente no cotidiano das pessoas. Numa partida de futebol, por exemplo, antes, durante e depois do jogo são noticiadas informações sobre o trânsito. Indo para o jogo, ouvindo o rádio de dentro do seu carro, você recebe informações sobre o melhor percurso para chegar ao estádio. Na hora de ir embora acontece o mesmo. Durante toda a programação, os profissionais do rádio também estão em contato com a polícia para saber informações sobre confusões, acidentes de trânsito ou qualquer outra informação relevante.

O rádio informa e diverte. Notícias ao lado do entretenimento. Assim, o humor também tem espaço dentro das transmissões. As transmissões são divertidas. Quando um jogador tem uma atuação ruim e ainda faz uma jogada feia, a equipe que trabalha na transmissão não perdoa, e este pobre é vítima de gozações, assim como ocorreria se o ouvinte estivesse vendo somente com os olhos. José Carlos Araújo, o Garotinho, escolhe em todo jogo a “baranga do jogo”, ou seja, o pior em campo durante o desenrolar da disputa.

No que se refere à linguagem utilizada no rádio, ela é bem mais coloquial do que a utilizada em TV ou impresso. Nas transmissões esportivas essa linguagem se aproxima ainda mais da forma utilizada no dia a dia da população, o que deixa o ouvinte mais à vontade, uma vez que aquele jeito de

falar faz parte do seu ambiente. Os locutores introduzem termos nas narrações retirados da fala do povo. Também acontece o inverso. Locutores criam expressões que caem no gosto da população. Jogadores também têm este poder.

As expressões são uma criação dos jogadores e da imprensa. Romário criou, por exemplo, a expressão “peixe” para chamar algum companheiro, mas foram os jornalistas esportivos que, influenciados pela Liga Profissional de Basquete dos Estados Unidos (NBA), inventaram o termo “assistência”, para o jogador que dá o passe para o outro marcar o gol – diz Antônio Nascimento, editor de Esporte do jornal “O Globo”. (HIDALGO, 2006, p. 10)

Assim, podemos perceber que essa forma de linguagem utilizada no rádio utiliza uma via de mão dupla no contato com o ouvinte: tanto copia expressões da população, como inserem novos termos que acabam caindo no gosto geral. Mais uma vez, dupla criatividade. Roberto DaMatta diz que nosso futebol é uma forma de mostrar quem somos. Com o rádio acontece a mesma coisa. Paraphraseando DaMatta, o “rádio” praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir. No próximo capítulo veremos que o termo rádio utilizado entre aspas acima, na verdade, na citação de Damatta, o termo utilizado é futebol.

Terminamos este capítulo com a citação de Mauro de Salles Villar, diretor do Instituto Houaiss de Lexicografia, em entrevista à Revista Língua, que nos dá uma importante contribuição acerca da absorção de termos utilizados no futebol ou em suas transmissões pela língua geral.

A integração de terminologia e linguagem informal na língua geral tem padrões difíceis de se estabelecer, mas uma coisa tem em comum – a importância do universo

daquele termo na vida de quem usa a língua. Nos séculos 15 e 16, um bom número de vocábulos e expressões da marinha passaram da terminologia dessa atividade para o chamado “nível zero” da língua geral: foi o período da expansão marítima portuguesa, com grande peso social e econômico. O número de palavras do futebol é bastante menor que aquele, mas ocorre pelos mesmos processos que vivem abertos na língua: a linguagem por extensão, a figurada, a metáfora, a sinédoque etc. (HIDALGO, 2006, p. 11)

5 RÁDIO E FUTEBOL E A SOCIEDADE BRASILEIRA

No segundo capítulo deste trabalho falamos da origem do futebol, como ele surgiu, como veio parar no Brasil e como começou a ser praticado em nosso país. No capítulo seguinte, demos destaque à origem do rádio, seu desenvolvimento e seu “encontro” com o futebol. Já no quarto capítulo, demonstramos como a dupla “futebol e rádio” afetou o ouvinte e toda sociedade brasileira. Antes de entrarmos no objeto de estudo deste trabalho, uma breve noção sobre o quê este fenômeno acabou se tornando dentro da sociedade brasileira.

Com o rádio ao seu lado, o futebol se tornou espetáculo. Um verdadeiro show. As partidas passaram a ser ouvidas por dezenas de milhares de ouvintes. Com o passar dos anos, os grandes jogadores assumiram auras de verdadeiros semi-deuses. É neste sentido que estes heróis modernos dialogam com a questão dos rituais das antigas sociedades míticas. Mas o que é o mito?

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças a façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir [...]. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: Ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. (ELIADE, 1972, p. 11)

Os mitos são narrativas que celebram um pacto com a comunidade. Eles são fundamentais na estruturação de determinada sociedade. Mas para que possam ser revividos, precisam ser continuamente rememorados. Esta rememorização é feita através do rito, que é a forma de fazer que o mito, a narrativa, se torne ação. São estes rituais que guardam características comuns

com os espetáculos esportivos de hoje em dia, uma vez que nestes espetáculos, uma pessoa de origem simples, através do seu próprio esforço, da sua luta, tem a oportunidade de transcender a um patamar de existência superior.

Toda sociedade tem a necessidade de transcendência. Essa transcendência de tornar um homem comum em um homem diferente é a que proporciona o surgimento de toda legião de deuses, de heróis e super-heróis. O mito é justamente o elemento de transcendência. E para que ele exista é necessário que exista o rito, que é a sua celebração, a narrativa mítica. É um elemento que tem que passar por vida, paixão, morte, lamento e ressurreição. (GUERRA, 2006, p. 57)

O mito apresenta algumas funções. A primeira é de integração: integrar a comunidade. A segunda função é de dominação: explica quem governa, quem dá as ordens. Já a terceira função é uma deformação do mito, assim como a segunda, mas de forma mais acentuada, uma vez que o próprio mito acaba sendo simulado. Neste ponto que surgem nossos mitos esportivos, os mitos criados pela mídia. Eles até possuem certas qualidades que poderiam vir a torná-los mitos. Contudo, é a mídia que impulsiona essa transcendência. Mas já não é o mesmo mito das sociedades sagradas.

[...] mesmo com a ruína do mito clássico, o mito assumiu outras formas de se comunicar com o homem moderno. Mesmo com todo avanço tecnológico, eles ainda têm lugar no mundo contemporâneo. Eles se proliferam convivendo conosco na imprensa e em outros meios de comunicação de massa: cinema, música, televisão, rádio, livros e esporte, invadindo o imaginário humano, alimentando e dando respostas como há centenas de anos atrás. Os mitos ainda estimulam o fascínio do ser humano pelo desconhecido e pelo fantástico. (MOSTARO, 2005, p. 12)

Assim surgem os nossos mitos modernos, como Garrincha, como Pelé e como Carmem Miranda. Todavia, os mitos relacionados aos esportes se diferenciam daqueles relacionados com o cinema ou com a música, entre outros. Estes últimos são as celebridades. Chegaram a este “status” quase que exclusivamente pela atuação da mídia. Já os mitos originários das atividades esportivas assemelham-se a heróis.

De saída, uma diferença básica entre ídolos do esporte e de outros universos, como a música e a dramaturgia, se mostrou reveladora. Enquanto os primeiros frequentemente possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente possuem estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, inerente ao universo do esporte. O “sucesso” de um atleta depende do fracasso do seu oponente. (...) enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para “redimir a sociedade”. (HELAL, 2001, p. 1)

A dupla composta por futebol e rádio acabou assumindo características míticas e criando seus mitos. O mito precisa ser repetido de tempos em tempos para que possamos nos lembrar de onde viemos, de certos ensinamentos. O futebol talvez até tenha sido o grande mito fundador do povo brasileiro. Um povo formado por inúmeras etnias, com diferentes manifestações culturais, que se une de quatro em quatro anos nas Copas do Mundo. É quando aflora o verdadeiro sentimento de pertencimento das várias individualidades e coletividades presentes em nosso país. Somos o Brasil, o país do futebol. Assim como no carnaval, que dura apenas quatro dias, no futebol todos são iguais.

O futebol é considerado uma religião. Seu aspecto mítico contribui para que na nossa sociedade profana, ele seja o “altar” onde o indivíduo vai realizar sua vontade de transcendência como em uma sociedade sagrada. É como uma válvula de escape, suas tristezas do dia a dia

são esquecidas quando o seu time do coração ou a seleção do seu país entra em campo. Através do jogo, países subdesenvolvidos e pobres se igualam ao desenvolvidos e ricos. Quando está assistindo um jogo, o torcedor se “aliena”, se “transporta” para um outro mundo, cria no herói que está dentro de campo seu sucesso, é como se ele tivesse vencido. Dessa forma o ídolo gera uma relação de afinidade com o espectador ou torcedor, sendo sua presença no jogo, decisiva para o sucesso do espetáculo. (MOSTARO, 2005, p. 17)

O brasileiro joga junto com seu time. As vitórias nos gramados, são vitórias na vida. As noções de garra, vontade, determinação, são ensinamentos para todos os campos de atuações do cotidiano. São ensinamentos que são passados de forma ritualizada. Nosso futebol está diretamente ligado ao jeito de ser do brasileiro. O sociólogo Roberto DaMatta tem uma visão significativa sobre o assunto.

Estudando o futebol e o esporte como um drama, pretendo analisar essas atividades como modos privilegiados através dos quais a sociedade se deixa perceber ou “ler” por seus membros. Neste sentido sigo de perto aquela conhecida e profunda reflexão de Clifford Geertz (1973), segundo a qual o rito (e o drama), seria um determinado ângulo de onde uma dada população conta uma história de si para si própria. O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir. (DaMatta, 1982, P. 21)

Mas não é todo mundo que pensa desta maneira. Durante muito tempo a intelectualidade brasileira atribuiu ao futebol o epíteto de “Ópio do Povo”. Na monografia **Garrincha: o mito que a mídia não soube explorar**, o jornalista Filipe Mostaro diz “que o torcedor se “aliena”, se “transporta” para um outro mundo[...].” O termo aliena é muito bem empregado entre aspas. Para as pessoas que diferentemente de Mostaro acreditam que o futebol é realmente

um fator de alienação, do casamento entre futebol e rádio teria nascido um grande monstro, um instrumento para controlar as ações populares e manter o povo distraído dos assuntos pelos quais primeiramente deveria se preocupar. Ou seja, o futebol enquanto esporte de massa teria tornado-se num instrumento do governo, seja ele ditadura, militar ou não, ou qualquer outro tipo de governo que pretenda desviar a atenção do povo de determinado assunto. Até hoje escutamos falar que é muita coincidência que as eleições para a presidência do Brasil aconteçam de quatro em quatro anos, juntamente com as Copas do Mundo. Roberto DaMatta explica melhor esta visão em que o futebol aparece como “Ópio do Povo”.

De acordo com esta tese utilitarista, se o futebol existe socialmente como uma instituição importante, é porque ele deve estar desempenhando um certo papel social bem determinado em relação à sociedade. No caso, o seu papel é desviar a atenção e mistificar o povo. Ou seja, só quem sabe o real papel do futebol na sociedade brasileira é a camada dominante (que o utiliza como ópio das massas) e os críticos da sociedade. A massa permanece na escuridão de sua idiotice crônica, incapaz de perceber seu sistemático engano. (DaMatta, 1982, p.22).

Certo é que essa teoria é no mínimo simplista. Lembra até a teoria das agulhas hipodérmicas ou balas mágicas tão estudadas nas disciplinas que abrangem as teorias da comunicação. Mais uma vez Roberto DaMatta nos dá uma importante contribuição acerca do futebol no Brasil.

O esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte. Impossível compreender-se uma atividade (ou um plano de atividades), sem referência à totalidade na qual está inserida. Esporte e sociedade são como as duas faces de uma mesma moeda e não como o telhado em relação aos alicerces da casa. Suas relações não são de “estratificação”, como já disse Geertz (1973: 46), mas relações expressivas, dramáticas, onde começo e fim se rebatem um no outro; onde as regras, como veremos

mais adiante, transformam-se em atores. Pois a sociedade se revela tanto pelo trabalho, quanto pelo esporte, religião, rituais e política. Cada uma destas esferas é uma espécie de “filtro” ou operador, através do qual a ordem social se faz e refaz, inverte-se e reafirma-se, num jogo básico para sua própria percepção enquanto uma totalidade significativa. A tese do esporte como atividade derivativa deve ser substituída por uma perspectiva capaz de tomar o social como um fenômeno total e, ao mesmo tempo, específico. Que não precisa ser reduzido a nenhuma lógica prática, de tipo “real” ou utilitário. O mundo não começou com os homens buscando comida e realizando guerras. O impulso primordial, se é que se pode falar nisso, foi dado tanto pelo corpo, quanto pelo espírito. Se me for permitido parafrasear Lévi-Strauss, diria que o primeiro dardo não foi somente bom para matar, mas também para divertir, decorar e pensar. (DaMatta, p. 23 e24)

Já vimos que reduzir o futebol a “Ópio do Povo” é ser simplista demais. Mas que ele guardou e ainda guarda relação estreita com a política, não há como negar. O futebol está relacionado diretamente com a identidade nacional, o que chama a atenção de políticos e governos. E essa identidade nacional que o futebol acabou por desenvolver foi impulsionada em diferentes períodos de nossa história.

No início do século passado, o país passava por grandes modificações estruturais. Os imigrantes chagavam a todo instante da Europa. Mas nosso setor produtivo ainda guardava resquícios do período escravagista. A pressão do capital internacional apontava para um caminho sem volta. Nosso incipiente futebol também estava inserido neste processo.

Nesse sentido, vivenciando a sociedade brasileira uma forte tensão externa – as pressões do capital internacional que impunha profundas mudanças na economia – e interna – os conflitos do recém instalado mercado de trabalho livre – a necessidade de um reordenamento geral de todo o tecido social, colocava o futebol como parte do processo modernizador. (RIBEIRO, 2003, p. 02)

Apesar de fazer parte deste processo modernizador, o futebol ainda não havia sido descoberto pelos políticos e governantes. Como já vimos anteriormente, neste período o futebol ainda não havia se “encontrado” com o rádio e outras mídias. E também não havia se “encontrado” com a “amante interesseira” que mais tarde tentaria explorá-lo: a política.

Assim, apesar de intenção disciplinadora, ao longo das três primeiras décadas do século XX, houve pouca intervenção direta do Estado no esporte. É somente a partir do final dos anos vinte, e principalmente nos anos trinta, que se produz um discurso centralizador e se objetiva uma forma mais atuante do Estado em relação às organizações esportivas. Pelo menos dois fatores contribuíram para essa mudança: a fragilização da até então hegemônica política oligárquico-cafeeira e do liberalismo republicano, e a crescente popularização do futebol. (RIBEIRO, 2003, p. 02)

Já no período que compreende a ditadura de Getúlio Vargas, entre 1937 e 1945, as coisas começam a mudar e o futebol passa a ser visto como um instrumento para modificar os paradigmas sociais do período anterior. Nada melhor do que o futebol, um esporte que nesta época já era um fenômeno de massa, transmitido pelo rádio, divulgado nos impressos, para aproximar um ditador do seu principal alvo: a população.

É nesse processo que se inscreve também o futebol. Caracterizado já nos anos 30/40 como um fenômeno popular e de massa, o futebol – assim como as atividades esportivas em geral – passou a ser visto pelas elites governantes como um componente fundamental a ser atingido na sua cruzada disciplinadora. Ela já se inicia em 1933, com o governo criando a profissão de jogador de futebol e obrigando – como todo trabalhador assalariado – a sua sindicalização. Na verdade, a profissionalização do jogador de futebol correspondia a um movimento cultural e político mais amplo, envolvendo tanto os interesses de disciplina social do Estado, a dinâmica específica do futebol, quanto um clima natural, que perpassava toda

sociedade, de produção de uma identidade nacional forte.
(RIBEIRO, 2003, p. 03)

Esta nova identidade nacional difere da proposta pelas elites no início do século XX. O futebol era amador e negros, índios e mulatos eram proibidos de participar. A profissionalização do futebol, além de regulamentar a participação de todas as etnias, mais uma vez tira o poder daquelas antigas e decadentes elites, que defendiam o amadorismo. É neste período que o futebol começa a fazer parte da construção da nova identidade nacional.

Apesar da resistência de alguns segmentos mais conservadores, o crescimento da ideologia da construção de uma identidade de povo e de nação, fundada no imaginário do mulato, colabora para a profissionalização. A influência negra e indígena, que no início do século era considerada a negação na identidade Brasil, é agora vista como um fundamento de uma ideologia nacional, a brasilidade. (RIBEIRO, 2003, p. 04)

Mais do que participar do futebol, os negros e mulatos acabaram por dar a verdadeira cara para o futebol brasileiro, e, conseqüentemente, para o próprio Brasil. Gilberto Freyre em 1945 estabelece a seguinte relação entre o futebol e a construção da identidade nacional.

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas, as técnicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo sendo dionisíaco a seu jeito – o grande feito mulato. (FREYRE, 1945, p. 432)

Freyre vai além, e relaciona o estilo de jogar futebol brasileiro com nossa própria sociedade, assim como Roberto DaMatta.

O mesmo estilo de jogar futebol parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (Ibidem, p. 421/2)

Todavia, todas essas habilidades, todo esse mulatismo, tinham que ser disciplinados para que pudessem atingir o seu potencial máximo. Assim pensava o governo. Não só em relação ao futebol. No período da ditadura de Getúlio Vargas, houve uma tentativa de disciplinar toda sociedade brasileira, e o futebol, como outros esportes, não poderia ficar de fora disso. Nem o futebol, tampouco o rádio, que, como já vimos, teve permitida a publicidade, mas censurada sua programação.

É com esse espírito que foi criado em 1941 o Conselho Nacional de Desportos. Inscrito na cultura política do estado autoritário varguista, o CND visava todo o ordenamento desportivo, em especial o futebol que vivia uma transição tensa do amadorismo para o profissionalismo e ganhava cada vez mais importância política, enquanto manifestação popular e de massa. (RIBEIRO, 2003, p. 04)

No período político seguinte à era Vargas não aconteceu nenhuma grande mudança na forma de encarar o futebol. Mesmo no período da ditadura militar, nada foi modificado. Ainda conforme Ribeiro, “os militares se apropriaram de uma tradição elitista e autoritária da cultura política brasileira” e

acabaram por privilegiar interesses de setores hegemônicos. A própria falta de transparência no futebol brasileiro acabou fazendo com que, através de seus cartolas, o mesmo acabasse por se tornar aliado do poder, uma vez que era de interesse dos dirigentes que a imprensa ou qualquer setor que questionasse essa falta de transparência em questão fosse controlada.

Os militares até tentaram utilizar o futebol como propaganda política. Slogans como “ninguém segura este país”, lançado na Copa de 70, eram comuns. Mas não é tão fácil utilizar politicamente o futebol.

De qualquer modo, independente dos esforços políticos, os resultados do selecionado brasileiro não necessariamente corresponderam às expectativas políticas do regime. Das cinco Copas do Mundo disputadas entre 1964 e 1985, apenas na de 1970 o selecionado foi vitorioso, conquistando o tricampeonato mundial. A conclusão é óbvia e salutar: apesar de toda estrutura de controle que havia, visando obter resultados que interessariam ser explorados politicamente, o jogo preservou sua autonomia. (RIBEIRO, 2003, p. 06)

Os maus resultados nas Copas de 74 e 78, associados ao esgotamento do “milagre econômico” dos militares, acabaram pondo em cheque o “mulatismo” que outrora era visto como fator de identidade nacional. A habilidade individual deveria ser posta de lado em prol do conjunto. Mais uma vez o futebol daria exemplo para toda sociedade.

Assim diferentemente dos anos trinta a sessenta – principalmente com as conquistas de dois campeonatos mundiais de futebol – agora a emancipação e a consolidação da identidade nacional não se encontrava mais na proparada no “mulatismo”, mas no seu oposto. O brilho individual deveria dar lugar à racionalidade e a organização. “Tais temas passaram a ser associados a nossa maturidade como nação”. (GIL apud RIBEIRO, 2003, p. 07)

Na década de oitenta tem início a redemocratização do país. Paralelamente a este fenômeno, ocorreu a democracia corinthiana, que neste

período de abertura política era uma forma de os jogadores daquele clube dar um basta ao modelo de disciplina militar implantado anteriormente. Eram os próprios jogadores quem decidiam, através do voto, as decisões que outrora ficariam a cargo de dirigentes.

Na década de 90 o futebol começa a se globalizar, acompanhando a ideologia neoliberal. Esta globalização expôs a fragilidade das instituições brasileiras ligadas ao futebol, sobretudo os clubes, erigidos sob uma tradição elitista e autoritária.

Assim, desde os anos 30 que o futebol se relaciona com a política. Tentamos mostrar como o poder, nos principais períodos políticos do século passado, dialogou com este esporte de massa. Mas jamais conseguiu controlá-lo. Ribeiro nos dá esta importante contribuição.

O que se observa, nessa trajetória do século XX, é o papel fundamental que o futebol teve na construção da identidade nacional brasileira, na medida em que foi se transformando numa “paixão nacional”, compondo de maneira significativa o mosaico da cultura política nacional. Assim como o carnaval e o samba, o futebol é um dos patrimônios culturais brasileiros.

O estudo desses movimentos culturais revela como a política de construção e legitimação de uma identidade nacional dialoga com eles. Percebe-se uma relação tensa, na medida em que há manifestações explícitas de manipulação política do futebol, procurando usar a sua força emocional como forma de dar legitimidade a determinadas ações políticas. Ao mesmo tempo, o futebol guarda sua autonomia, pois a sua força emocional e psicológica depende muito mais dos dribles individuais do que da vontade política. (RIBEIRO, 2003, p. 08)

E assim o futebol se incorporou à sociedade brasileira. Hoje ele está tão atrelado a ela que é difícil imaginar o Brasil sem o futebol. Mas ele teve que lutar por isso. Teve que lutar para que fosse democratizado. Teve que lutar para não ser um mero instrumento de manipulação. Essa luta acabou por

tornar o próprio futebol brasileiro num mito. Este esporte tornou-se um fenômeno extenso demais para torná-lo num mero instrumento político. Pelo contrário, ele acabou por desempenhar o próprio papel do governo quando educa, diverte, integra, ensina regras que devem ser obedecidas e até permite certa mobilidade social. O futebol ensina cidadania. Está ao lado da nossa arte, da nossa música. A rivalidade entre bairros, entre cidades ou qualquer outro tipo de grupo pode ser resolvida dentro das quatro linhas. E quem perde não se sente alijado, mesmo que derrotado, uma vez que existe sempre a possibilidade de vencer na próxima partida, diferentemente da guerra.

Para tal, teve ao seu lado, desde que se conheceram nos anos vinte e trinta, o rádio, que fez do futebol o fenômeno de massa que ele é.

6 NASCE O FUTEBOL DE BOTÃO

O encontro entre futebol e rádio, como já vimos, acabou criando um fenômeno extremamente marcante dentro da sociedade brasileira. Ajudando-se mutuamente, ambos se beneficiaram deste encontro. Parece que se um ou outro não existisse, nem o futebol nem o rádio seriam fenômenos tão populares.

Coincidência ou não, estudos apontam que o futebol de botão foi criado no final da década de 20 e início da de 30, no Rio de Janeiro, por Geraldo Décourt, no mesmo período em que o rádio encontrou-se com o futebol. Décourt trouxe para uma mesa, tablado ou mesmo chão, as emoções de uma partida de futebol simulando o campo de jogo, os jogadores e a bola.

Tudo indica que o botão é brasileiro e foi introduzido no Pará. Ganhou notoriedade quando chegou ao Rio de Janeiro e caiu nas mãos do publicitário Geraldo Cardoso Décourt (...) no final da década de 20. Ele teria sido a primeira pessoa a fazer um livro com as regras oficiais e era um dos primeiros praticantes no país, quando com apenas 19 anos de idade deu ao jogo o nome de Celotex, produto feito de bagaço de cana-de-açúcar e usado na época para a confecção das mesas. (FINELLI, 2006).

Antes de escrever o livro com as regras do futebol de botão, Décourt também desenvolveu esta modalidade lúdica ao lado de seus amigos do colégio Aldridge, em Niterói.

Oficialmente, no entanto, considera-se que o futebol de mesa foi criado no Brasil entre 1922 e 1929 por Geraldo Cardoso Décourt, estudante do Colégio Aldridge, em Niterói. O jogo chamava-se Celotex, porque jogado em mesas feitas a partir desse material, empregado na construção de divisórias. A garotada usava botões que arrancava de seus uniformes de colégio, e era comum que andassem pelo Aldridge segurando as calças. O que, evidentemente, levou a direção da escola a proibir a

prática em suas dependências. Em 1930, Décourt publicou o primeiro livro sobre as regras do novo esporte. O criador do jogo de botão teve o dia de seu nascimento, 14 de fevereiro, oficializado em 2001 pelo então governador Geraldo Alckimin como dia do botonista. (BARRETO, 2006, p. 33)

Todavia, existem outras correntes que relacionam a origem do jogo à Inglaterra, assim como o futebol.

O autor Ubirajara Godoy Bueno, no seu livro *Botoníssmo*, de 1988, diz que provavelmente ele é descendente do Jogo da Pulga, muito praticado na Europa, principalmente na Inglaterra, e que consistia em pressionar uma ficha com outra ficha, para fazê-la pular (daí o nome pulga) dentro de, um copo. Mas Bueno também admite que ele pode ter surgido do jogo Três Tampas de Garrafa, no qual os jogadores vão dando toques nas tampas, com um dos dedos, para que uma passe entre as outras duas e assim, sucessivamente, até atingir o gol. (BARRETO, 2006, p. 32/33).

É provável que o futebol de botão realmente tenha sua criação influenciada pelos Jogos de Pulga e de Tampas de Garrafa. Mas o pai do futebol de botão que ainda hoje vemos meninos praticando, ainda que bem menos que no passado, deve ter sido mesmo Décourt.

Maria Cristina Von Atzingen, em seu livro "História do Brinquedo" (2001), dá duas versões para a invenção do jogo: a primeira é de que teria sido ele inventado em 1947, por Peter Adolph, com o nome de subbuteo. Mas ressalva ela que, em 1930, Geraldo Décourt, carioca, teria inventado o jogo, que seria jogado com peças feitas de um material chamado "celotex". Afirma ela que o jogo, inicialmente, era jogado com os botões da cueca e depois, do uniforme dos meninos que, por vezes, entravam em classe segurando as calças... O jogo chegou a ser proibido em um colégio do Rio de Janeiro. (jogos.antigos)

Percebe-se claramente que a origem do futebol de botão é confusa. Mas o fato é que quem levou a glória de ter inventado a modalidade foi mesmo Geraldo Décourt.

Em 1988 o CND, Conselho Nacional do Desporto, reconheu o futebol de mesa como esporte genuinamente brasileiro.



Décourt, que aparece na foto ao lado, ficou mesmo com a fama e teve o dia de seu nascimento oficializado como Dia do Botonista. Além disso, coube a ele também redigir o Hino do Botonista. Recebi este hino através de e-mail, o qual circula entre vários adeptos deste esporte. Todavia, não consegui comprovar a sua autenticidade, uma vez que não encontrei nenhuma fonte que citasse o tal hino. De qualquer maneira, acredito que seja mesmo de autoria de Décourt, uma vez que não haveria motivo para atribuir algo a ele que outro compôs, visto que o lugar de Décourt já está guardado na história deste esporte.

HINO DO BOTONISTA

"Uma homenagem aos botonistas do Brasil"

Letra: Geraldo Cardoso Décourt

Música: Geraldo Cardoso Décourt

agosto/1982

Botonista eu sou com justo orgulho

Boto muita fé no meu botão

Botonista eu sou com muita honra

Isto é verdade, eu não me arrependo não

Botonista eu sou com persistência

Jogo a qualquer hora com prazer

(Pois jogando em qualquer regra!

Eu vou praticando o meu lazer) -bis-

Eu jogo limpo, jogo sério sem esbulho,

Pois pra mim adversário considero como irmão.

Aviso logo para quem jogar comigo que

somente me vencendo poderá ser campeão. (bis)



Essa é a origem mais aceita pelos estudiosos do futebol de botão. Percebe-se que existe uma dupla terminologia utilizada para denominar esta prática: futebol de mesa e futebol de botão. Os termos são próximos. Porém, apresentam uma leve diferença. Futebol de mesa é o nome dado à prática mais sistematizada do jogo, com regras mais restritas. É um esporte reconhecido oficialmente, organizado em ligas, federações e confederações. Já o futebol de botão é uma prática mais livre, que permite uma maior criatividade de seus praticantes. Essa característica levou à escolha deste termo para designar esta prática dentro deste trabalho, uma vez que os narradores, locutores e jornalistas esportivos eram mais adeptos do futebol de botão do que do futebol de mesa. Outro termo que aparece na citação acima é futmesa. Trata-se de uma contração do termo futebol de mesa, assim como ocorreu com o futebol de salão, que passou a ser futsal. Todavia, o termo futmesa não se

tornou tão popular como o futsal. Também aparece na citação acima a palavra botonista. Este é o nome dado a quem pratica o futebol de botão ou futebol de mesa. Nem botoneiro, nem futemesista, como seria chamado quem pratica o futebol de mesa. O termo certo é botonista.

Hoje em dia, a Confederação Brasileira de Futebol de Mesa congrega três modalidades. A mais praticada é a regra dos “doze toques” ou “paulista”. Ela é muito difundida em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Por muito fácil de jogar, é a que possui o maior número de botonistas. Nela, o botonista tem doze toques para conduzir a bola até o ataque e poder chutar. Todavia, só são permitidos três toques consecutivos com um mesmo botão. Logicamente que esta modalidade apresenta algumas nuances na regra, mas basicamente é isso. É a modalidade que mais se aproxima do profissionalismo.

Outra modalidade da Confederação é a regra “baiana” ou de “um toque”. Como o próprio nome diz, muito comum no estado da Bahia, assim como no Rio de Janeiro. Cada botonista pode dar somente um toque, passando em seguida a vez ao adversário. Assemelha-se ao ping-pong em determinadas situações. A outra modalidade confederada é a regra “carioca” ou dos “três toques”. É a modalidade confederada mais praticada em Minas Gerais. Também tem muita força no estado do Rio de Janeiro, Distrito Federal, Goiás e São Paulo. Nesta modalidade, o botonista tem que evoluir do campo de defesa para o ataque utilizando apenas três toques consecutivos. É um jogo extremamente estratégico, uma vez que é necessário passar para o campo de ataque sem que o adversário consiga tomar a posse de bola. Nesta modalidade cada partida dura cinquenta minutos, divididos em dois tempos de vinte e cinco. Os botonistas que disputam as competições também são os

árbitros das partidas, diferentemente das outras modalidades, as quais não apresentam juízes. Mas o assunto deste estudo não é o futebol de mesa, e sim o futebol de botão.

A prática do futebol de botão se expandiu pelo país assumindo as mais diferentes formas de jogo. Os materiais utilizados na composição das mesas e dos jogadores foram os mais variados. Os botões eram mais ou menos redondos. Eram feitos de coco, de tampas de garrafa, de tampas de relógio, mas na maioria das vezes eram botões de camisa, o que deu nome ao jogo. As palhetas, instrumentos utilizados para impulsionar os botões, podiam ser pentes ou outros botões. As bolas eram comprimidos, pequenos botões de camisa, miolo de pão, papel alumínio amassado, sementes. Os campos eram o chão, mesas de jantar, tábuas de passar roupa. O mais importante para jogar era a imaginação, o que tornou o futebol de botão extremamente democrático. Nesse ponto apareceu mais uma vez a criatividade do brasileiro. E põe criatividade nisso.

Muitos materiais são utilizados na confecção de botões. Hamilton Tavares foi saber tempos depois que um de seus botões tinha sido feito de resina e de OSSO HUMANO. O antigo dono revelou que os ossos eram de seu tio Ademar e que o número 4 embutido era o dia de seu falecimento... (TAVARES, 2006)

Hamilton Tavares é proprietário de um site na internet. Neste mesmo site descobri que ele se auto-intitula o maior colecionador de botões do mundo. “Hamilton Tavares Neto (dono da Botão & Palheta e presidente da AFOCERJ), possui a maior coleção de botões do mundo: 18.000 botões”. (idem)

Assim como no futebol, o futebol de botão é cheio de “causos” e histórias. O personagem é mais uma vez Hamilton Tavares. Neste caso, os

“causos” reais, misturam-se com a ficção. É que a criatividade dos botonistas extrapola qualquer limite do real.

Em um triste sábado de 1999, o carro de Hamilton Tavares foi roubado. Além dos botões novos estavam também dentro do carro os lendários e antigos times do Flamengo e do Olímpia. Dias depois nós encontramos o carro devidamente depenado e com apenas um único botão sobrevivente nomeado: o último dos moecanos. Hamilton recuperou o time do Flamengo por 50 reais (bagatela). Já o time do Olímpia teve um resgate dramático. Depois de um ano e meio de cativeiro, o time foi encontrado por terceiros, porém um dos jogadores não voltou: Parraga, o filho do diabo. Boatos confirmam seu aliciamento ao tráfico do morro do Borel. (TAVARES, 2006)

Hamilton relata também:

Alexandre Gyraffa ficou muito bravo com seu artilheiro Chiquinho após o término de uma final onde esse mesmo botão havia perdido uma centena de gols fáceis. Foi tanta sua ira com o jogador que Alexandre o esfregou na parede ate restar apenas uma sombra do antigo goleador... e o lançou pela janela. Semanas depois andando pela rua, Gyraffa revê seu antigo jogador, só que agora bêbado e na sarjeta. Alexandre não teve dó e empurrou o botão bueiro a baixo. (Idem)

Eu mesmo, após uma derrota para meu irmão, ainda na adolescência, no departamento de futebol de mesa do Tupi Foot Ball Club, quebrei um time inteiro. Depois, cheio de remorso, tentei colar os botões de acrílico com superbonder.

Jogar botão não é só palhetar e fazer gols. É muito mais que isso. É imaginação. É aventura. É fazer amigos. É lembrar de casos por toda uma vida. É ser genuinamente brasileiro.

No Sul, os botões mais cobiçados - sobretudo para compor a linha de defesa - eram aqueles grandes que deviam ser arrancados, com todo o cuidado, da parte de trás dos sobretudos de inverno, aproveitando-se o

momento em que um incauto visitante o deixasse pendurado no cabide, enquanto conversava com o dono da casa. Muito mais arriscado era tirar puxadores de armários da própria casa. Esses se tornavam corpulentos zagueiros, mas podiam resultar numa reprimenda de parte do pai ou da mãe do infrator. Riscar a mesa de jantar, a ponta de tesoura, era um delito passível de ser punido com uma surra de cinta de couro. Arrancar a tampa do relógio de pulso do avô, nem se fala. (TAVARES, 2006)

7 NARRANDO JOGOS DE BOTÃO: A VIA CONTRÁRIA DA SENSORIALIDADE

Chegamos ao capítulo que trata do objeto de estudo que este trabalho se propõe. Ao longo deste estudo, começamos abordando a origem do futebol, seu surgimento na Inglaterra e sua vinda para o Brasil. Depois continuamos com o surgimento do rádio, sua chegada em nosso país, sua disseminação Brasil afora e seu “encontro” com o futebol. No capítulo seguinte analisamos como o binômio rádio-futebol afetava e afeta a população. Em seguida, fizemos um breve estudo acerca do que o futebol, sempre com o rádio ao seu lado, representa dentro da sociedade brasileira. Então chegamos até o surgimento do futebol de botão nos anos 20 e 30 do século passado. Tudo isso para chegar até aqui e poder falar de partidas de futebol de botão que, mesmo de “brincadeira”, acabavam sendo narradas por seus praticantes. Muitas dessas pessoas que jogavam futebol de botão e narravam ao mesmo tempo, na infância e adolescência, acabaram por se tornarem profissionais de rádio.

O fato de crianças e adolescentes narrarem partidas de futebol de botão enquanto jogavam é uma prova indicial da afetação que o rádio causava nestas pessoas. Elas iam jogando e narrando ao mesmo tempo e iam imitando os bordões daqueles narradores que ouviam pelo rádio. Assim, uma simples partida de futebol de botão tornava-se um grande clássico envolvendo craques e jogadas mirabolantes. E isso é típico do rádio, sobretudo porque ele meche com a imaginação dos ouvintes.

Enquanto nos meios audiovisuais o telespectador conta com som e imagem, no rádio a única arma é a voz, a fala. Isso, fatalmente, desperta a imaginação do ouvinte, que logo cria na sua mente a visualização do dono da voz ou do que está sendo dito. Se na televisão a imagem já vem

acompanhada com a voz ou mesmo sozinha, no rádio o ouvinte tem a liberdade de criar, com base no que está sendo dito, a imagem do assunto/pessoa/fato. De acordo com Mcleish, quem faz textos e comentários para o rádio escolhe as palavras de modo a criar as devidas imagens na mente do ouvinte, e, assim fazendo, torna o assunto inteligível (2001:16). Por tratar-se de um meio “cego”, a sua linguagem estimula a imaginação, envolve o ouvinte convidando-o a participar da mensagem através de um “diálogo mental”. (SEPAC, 2003, p. 21/22)

Essa capacidade do rádio de formar imagens na mente de quem está ouvindo é chamada de sensorialidade. As narrativas ocorridas nas partidas de futebol de botão é uma forma de externar as imagens mentais que o rádio provoca na cabeça dos ouvintes.

Foi possível notar ao longo da pesquisa desenvolvida para tentar comprovar a hipótese proposta, que acabou sendo formada uma interessante estrutura cíclica. O rádio, através das narrações de partidas de futebol afetou em cheio o ouvinte brasileiro. Parte desses ouvintes, talvez os que mais foram afetados pelo rádio, acabavam por narrar até mesmo partidas de futebol de botão. E em muitos casos, essas crianças, esses adolescentes afetados pelo rádio que narravam partidas de futebol de botão eram os futuros profissionais do rádio.

O início desta história é como o de dezenas de locutores de futebol. Um campo de futebol de botão, dois times em campo e, entre uma jogada e outra - muitas vezes até sem jogada - tudo ia sendo narrado. O microfone, muitas vezes era um gravador, e qualquer som que pudesse ser parecido com um sinal eletrônico para hora do tempo e placar, passava a compor a narrativa. Evidente que não faltavam as simulações do barulho da torcida vibrando, gritando “huuuu”. Além é claro, das entrevistas com os jogadores (botões), perfeitamente respondidas com a ilusão de que uma voz um pouco mais rouca poderia ser entendida por quem estivesse ouvindo como sendo a de alguém de verdade. (GUERRA, 2002, p. 13)

Na entrevista concedida por Márcio Guerra, ele foi além. Como o futebol de botão pode mexer tanto com a criatividade de quem joga? Talvez por ter, assim, como o futebol, o rádio ao seu lado.

Eu tinha quase duzentos times de botão. Eu fazia campeonato com desfile de abertura. Eu tinha campeonatos estaduais, Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil. Eu fazia mil coisas. E destes campeonatos saía a Seleção Bons de Bola, que era a seleção dos meus melhores jogadores com a qual eu enfrentava meu primo, que tinha a Seleção dos Maiores. Ele também fazia várias competições. Às vezes ele me chamava para narrar os jogos dos campeonatos dele ou ele narrava os meus. Eu gravava minha narração. Eu usava sininho com sinal eletrônico. Eu apagava as luzes do quarto e colocava velas ao lado do campo para fingir que era poste de iluminação. Eu pegava embalagem de chocolate, um papel mais duro, para fazer faixa de torcida organizada. Era um verdadeiro ritual, onde eu comecei me interessar pela narrativa do rádio. (APÊNDICE A)

Márcio Guerra não foi o único profissional do rádio que passou por essa experiência. Vários outros profissionais também passaram por essa “brincadeira”, como José Silvério, radialista renomado da Rádio Bandeirantes de São Paulo, que também tinha esse hábito.

O mineiro de Itumirim iniciou sua carreira nas mesas de futebol de botão. Enquanto jogava, “transmitia” o jogo para os “ouvintes”. Um dia, enquanto “irradiava” uma partida, foi ouvido pelo diretor da Rádio Cultura de Lavras. Imediatamente foi convidado para trabalhar na rádio, oportunidade que agarrou e que iniciou oficialmente sua vida nos microfones. Teve uma brilhante e duradoura passagem pela Jovem Pan, iniciada com a saída de Osmar Santos da rádio, dando oportunidade para Silvério se consagrar nos anos 80. Hoje “solta sua voz” na Rádio Bandeirantes. (PIRAJÁ, 2006)

A metodologia de pesquisa escolhida para o desenvolvimento deste trabalho contava com entrevistas orais e através de e-mails, com alguns profissionais da imprensa, para tentar comprovar a hipótese de que o futebol

de botão foi um importante exercício para o despertar da vocação profissional de inúmeros profissionais do rádio e tv. Logicamente que eu já tinha pistas sobre quem jogava botão. Mas confesso que o que eu não imaginava era que estes profissionais guardavam lembranças tão marcantes dessas partidas do passado.

Márcio Guerra e José Silvério são dois consagrados nomes do nosso rádio. José Silvério tem quarenta anos de rádio. Márcio Guerra é mais novo, mas também tem muita experiência. Paralelamente à carreira no rádio, desenvolveu a carreira acadêmica e hoje é doutor em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ambos viveram a época áurea do futebol de botão, que foram as décadas de 60, 70 e 80.

A partir da década de 90 o futebol de botão passou a sofrer com uma concorrência poderosa, os jogos eletrônicos, e acabou ficando em segundo plano na preferência dos jovens. Mesmo assim, ainda foi possível encontrar profissionais da imprensa que no final da década de 80 e início da de 90 jogava futebol de botão e também narrava suas partidas. É o caso de Rodrigo Dias, jornalista da TV Panorama, em Juiz de Fora.

Eu fazia o seguinte. Como na minha cidade, Muriaé, eu não conhecia muitas pessoas que gostavam de jogar futebol de botão, eu jogava sozinho. Eu criava os campeonatos, com vários times, fazia “tabelinha”, passava horas confeccionando a “tabelinha” bonitinha, a aí eu disputava os campeonatos. O Fluminense sempre chegava na final, não porque eu sou Fluminense, mas porque era o melhor time. Quando chegava na decisão, eu pegava um gravador da minha irmã, colocava do lado do “estrelão” e começa a narrar os jogos. Eu fazia tudo como se fosse uma narração mesmo. Falava a escalação dos times e como eu não tinha como colocar o hino do Fluminense em um outro aparelho de som, eu pegava e falava mais ou menos assim: *e agora entram em campo os artistas do espetáculo, o Fluminense definido* – eu mesmo fazia o sonzinho da vinheta – Fluminenseeeee.

Sou tricolor de coração... E assim eu ia narrando o jogo. Depois que acabava a partida, o Fluminense campeão sempre, afinal não dava para perder para mim mesmo, eu ouvia a fita para saber se eu narrei bem. (APÊNDICE D)

A sensorialidade, essa característica do rádio que o torna capaz de formar imagens na mente dos ouvintes, nas narrações do futebol de botão, acaba por tomar a via inversa e é posta em prática através da criatividade dos praticantes. Essas narrações são uma forma de externar essa afetação causada pelo rádio. É interessante notar como a mesma transmissão afeta diferentemente os ouvintes. No caso de Rodrigo Dias, o que mais lhe chamava a atenção era o Fluminense, sempre presente em suas narrações.

Para Guilherme Mendes, profissional que atuou durante anos no rádio e hoje na TV, o fato de vários profissionais do rádio terem narrado partidas de futebol de botão é mais uma prova da força do rádio.

Acho que todos da minha geração passaram por essa experiência. Na década de 70 as principais diversões era jogar bola, soltar papagaio, brincar de carrinho e jogar botão. Naquela época era a gente que fazia as regras do botão. Éramos muito influenciados pelo rádio. Então a gente ia jogando e narrando as partidas. (APÊNDICE B)

Ele chega a citar vários nomes de profissionais que jogavam botão e narravam.

Com certeza. Estava trabalhando na Rede Globo de Belo Horizonte e surgiu o papo do futebol de botão. O Rogério Correa falou que brincava. O Bob Faria também. O Odilon Andrade também brincava. E o Luis Roberto também jogava. Nesta turma que tem entre trinta e cinco e cinqüenta anos, que trabalha com o futebol no rádio e na TV você vai encontrar diversos profissionais que jogaram futebol de botão. Que jogavam e narravam. Que jogavam e brincavam de narrar. Acabaram achando que essa era uma opção profissional e investiram na carreira de jornalista. (APÊNDICE B)

Entre os profissionais entrevistados, uma unanimidade: todos eles confessaram que quando narravam eram muito mais influenciados pelas transmissões de rádio do que de TV, mesmo no caso de Rodrigo Dias, o mais jovem profissional entre os entrevistados.

Na minha época não havia tanta transmissão de jogos pela TV como existe hoje. Não que eu seja tão velho. Mas em 1988, 89, 90, a gente não tinha esta facilidade que a gente tem hoje, de assistir jogo por Sky, ESPN, TV aberta. Então eu fui muito influenciado por rádio, pela narração, principalmente, do José Carlos Araújo. Todo dia à noite eu ouvia rádio para saber as notícias do Fluminense e estava sempre ouvindo os jogos pelo rádio. E isso me influenciou muito. (APÊNDICE D).

Assim, o futebol de botão acabou por mostrar como o rádio afetava os ouvintes, e tornou, em alguns casos, um importante exercício do despertar da vocação profissional e mesmo um treinamento para o futuro.

Pra mim foi uma grande influência. Claro que eu pensava em outras profissões antes de escolher a comunicação, mas na verdade, quando pintou a palavra comunicação na minha cabeça, com a opção do jornalismo esportivo, eu me remeti exatamente ao tempo que eu tive essa experiência. E quando eu fui chamado pela primeira vez para fazer rádio eu descobri que na verdade eu já fazia aquilo quando eu jogava botão. (APÊNDICE A)

O jornalista Rogério Correa também acredita que o futebol de botão foi importante para vários profissionais. “Acho que pode ajudar, sim. A prática é importante para melhorar o improviso” - comenta Correa. Já o radialista Oscar Ulisses acredita que o futebol de botão e suas narrações são apenas mais uma forma dos apaixonados por futebol e rádio mostrar seu sentimento.

Pode ter contribuído para o desenvolvimento daquele que gosta de narrar jogos e futebol de botão. Tentando explicar melhor: quem tem o interesse em narrar jogos vai brincar com essa idéia sempre que possível, até no jogo de botão. (APÊNDICE F)

Atualmente, o futebol de botão vem perdendo espaço para outro jogo: o vídeo game. Cada vez mais os jogos eletrônicos se aproximam da realidade no que diz respeito às imagens. E essa proximidade com o real tem fascinado os jovens e mesmo os adultos. Assim, é cada vez mais difícil encontrar um menino jogando botão na calçada da sua rua. Perde o futebol de botão, mas perdem também os jovens de hoje em dia.

Acredito que esses passatempos mais antigos, como o io-iô e o peão, têm ainda seus momentos de moda. Então eu acredito que numa dessas modas o futebol de botão também possa cair no gosto da garotada. Porque essa quantidade de jogos eletrônicos tem na parte visual um atrativo muito grande. Mas jogar o futebol de botão era muito mais interessante. A gente jogava com bolinha quadrada, com redonda, com disco. Tinham os goleiros. Para gente que jogou o futebol de botão, não tem comparação com os jogos eletrônicos. (APÊNDICE G)

Para Renato Machado, proprietário de uma loja que vende botões em Juiz de Fora, as crianças de hoje em dia jogam mais botão que no passado.

Eu acho que joga mais. Isso porque a gente tem acesso para comprar, o que não tinha antes. Antigamente só em grandes centros que você comprava botão. Hoje mesmo aqui em Juiz de Fora você acha muito botão para comprar e eu acredito que muito mais gente joga, bem mais que antigamente. (Apêndice C)

Já o jornalista Rodrigo Dias discorda desta opinião de Machado. Dias ainda aponta para um outro fenômeno que poderá acontecer daqui a alguns anos.

Infelizmente o futebol de botão perdeu aquele espaço que ele tinha. Com isso, o vídeo-game que é muito mais fácil

para a criança, uma vez que ela já está na frente do computador, na frente da televisão, é muito mais fácil para a criança se envolver com os jogos eletrônicos do que com o futebol de botão. Mesmo a divulgação na mídia é maior sobre jogos eletrônicos. Então é bem provável que daqui a poucos anos a gente tenha profissionais da imprensa que começaram narrando jogos de TV ou de vídeo-game. (APÊNDICE D)

O botonista Renato Baumgratz é um entusiasta do vídeo-game. Para ele, o futebol de botão e jogos eletrônicos podem conviver pacificamente, sem que um neutralize o outro. Baumgratz praticou durante muitos anos a modalidade de futebol de mesa dos Três Toques, sendo diversas vezes campeão mineiro e brasileiro.

Sou professor particular e todos meus alunos têm vídeo-game. Após as aulas sempre sobra tempo para uma partidinha. Eles narram as partidas, comemoram os gols. Tem um aluno, o Rafael, que fez um atacante para o Milan. É um amigo de verdade que tem o apelido de Guevara. No jogo ele usa óculos escuro, como na vida real. Narrar as partidas todos narram. (APÊNDICE H)

Já o jornalista Ivan Elias tem uma opinião diferente sobre o assunto. “Os vídeo-games já têm uma base de narração que impede parcialmente que quem participe narre também” – relatou Elias.

De qualquer maneira, tanto o futebol de botão quanto o vídeo-game são simulações do futebol. Independente de narrar partidas de futebol de botão ou de jogos eletrônicos, o fato é que tanto uma como a outra modalidade demonstram claramente como as transmissões esportivas atingem a população, ainda mais no Brasil, o país do futebol.

Terminamos então este capítulo, feito através de pesquisas e entrevistas, apontando para dois caminhos. O primeiro nos remete ao passado, quando vários dos profissionais de rádio e TV de hoje em dia jogavam futebol

de botão e narravam essas partidas. O outro caminho aponta para a garotada que hoje em dia narra as partidas de vídeo-game, a qual acreditamos que futuramente possam ser os profissionais de rádio e tv. A única diferença que podemos prever, com boa chance de acerto, é que os profissionais da imprensa adeptos do vídeo-game não serão tão criativos como os do futebol de botão, pois estes imaginavam lance a lance um espetáculo que estava bem além das palhetadas desferidas. A imagem poda a capacidade imaginativa, enquanto que o rádio nos “transporta” para um mundo de imagens, cores e sons que nós mesmos criamos em nossas mentes. Essa capacidade de imaginar é uma grande arma dos profissionais de rádio de hoje em dia.

8 CONCLUSÃO

No início deste estudo eu pensava que seria pretensão tentar provar que o futebol de botão, uma simples brincadeira de criança cujo alguns adultos que se recusaram a crescer permaneceram jogando, teria alguma importância na formação profissional de quem quer que seja. Logo na minha primeira entrevista, com Oscar Ulisses, essa sensação de pretensão ficou ainda mais forte.

Mas com o desenvolver da pesquisa com os outros profissionais que entrevistei, fui notando que o futebol de botão fazia parte das melhores recordações de suas infâncias. Nas entrevistas nas quais eu me encontrei pessoalmente com os entrevistados, pude notar o brilho no olhar dessas pessoas ao recordar as partidas de futebol de botão. Esses de fato davam e dão muita importância ao futebol de botão.

Logicamente que não podemos homogeneizar a relação que cada fonte teve com o futebol de botão. Para uns foi uma brincadeira apenas. Mas para outros, estas partidas de futebol de botão que foram narradas acabaram por ser o despertar da vocação de jornalista, de locutor, de narrador e um importante exercício para a formação profissional.

A conclusão a que chego ao final deste estudo é que o futebol de botão teve grande importância para vários profissionais do rádio. Muito mais do que os que entrevistei. Para uns foi mesmo um exercício. Como no caso do professor Márcio Guerra e do jornalista Rodrigo Dias. Para outros foi uma brincadeira importante também, mas não tanto, como no caso de Rogério Correa, que se interessava por tudo que dizia respeito ao futebol e que por isso acabou tendo interesse pelo futebol de botão também. Mas lendo todas as

entrevistas, percebo que o futebol de botão com suas narrações foi uma forma de demonstrar como a afetação causada pelo rádio e futebol se manifesta nas pessoas. O futebol de botão narrado é a sensorialidade do rádio manifesta em dribles, chutes e gols.

Outro aspecto interessante que pude notar ao longo do desenvolvimento deste trabalho é a estrutura cíclica que já mencionei. O rádio, através das narrações de partidas de futebol afeta em cheio o ouvinte. Se pudéssemos medir o grau de sensorialidade, se fosse possível mensurar o número de imagens mentais que o rádio causa na cabeça das pessoas, certamente durante as transmissões esportivas seria alcançado um nível máximo. Assim, estas pessoas tão afetadas pelo rádio acabaram por narrar partidas de futebol de botão. Essa é uma característica dos atuais profissionais de rádio e tv.

Também podemos supor que dentro em breve, os futuros profissionais do rádio vão ter um perfil um pouco diferente dos profissionais de hoje em dia. Se vários profissionais que trabalham com o rádio hoje ouviam rádio no passado e jogavam futebol de botão, acabando por narrar as partidas, num futuro próximo, a “escola” destes profissionais poderá passar a ser os jogos eletrônicos. Esses jogos eletrônicos privilegiam a imagem. A imagem não apresenta o mesmo grau de sensorialidade do som. Isso poderá ocasionar uma diminuição na criatividade do profissional do rádio do futuro, ou melhor, poderá ocasionar uma mudança na criatividade. Talvez o surgimento de um novo jeito de narrar. Talvez o surgimento de uma nova escola de rádio. Ainda não estamos certos sobre o quê as novas tecnologias podem fazer com o jeito de ser, de pensar, de viver dos homens.

De qualquer maneira, além do futebol de botão ter sido um exercício para jornalistas, radialistas, locutores, narradores, além de ser a comprovação física da sensorialidade que o rádio causa, o futebol de botão encheu de sonhos os corações e mentes de milhares de crianças. O sonho de ser um artilheiro, o sonho de ser um craque, o sonho de ser um goleiro, e no meu caso, o sonho de ser jornalista.

9 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério Carlos Corrêa de. **Radialismo esportivo: um abismo na ponte aérea.** 1989. 179 f. Monografia (Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1989.

BARRETO, Anélio. **Botão. Alguém se esqueceu?** O Estado de São Paulo. São Paulo, 7 de jun. 2006, Caderno Retratos do Brasil, p. 31/32/33.

DaMatta, Roberto et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** Trad. Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FINELLI, Fábio. **Futebol de botão.** *Arenafc.* Disponível em: <http://www.arenafc.com/reportagem_especial.asp?id=42>. Acesso em: 12 de mar. 2006.

FREYRE, Gilberto. **Sociologia.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

Futebol de botão. *jogos.antigos* Disponível em:

<<http://www.jogos.antigos.nom.br/botão.asp>> Acesso em 03 de jun. 2006.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Você, ouvinte, é a nossa meta:** a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Rio de Janeiro: Etc, 2002.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: o jogo da narração.** A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Rio de Janeiro, 2006. Tese

HELAL, Ronaldo. **Mídia, ídolos e heróis do futebol.** Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

HIDALGO, Luciana. **O futebol na ponta da língua.** Revista Língua, 2006, p. 10)

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980, p. 21

KLÖCKNER, Luciano. **A notícia na rádio gaúcha.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1997.

MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina Toledo, organização. **Comunicação e Esporte – tendências.** Santa Maria: Palotti, 2005.

MODERNELL, Renato. **Futebol de botão: um esporte genuinamente brasileiro.** Revista AOL, 110. Disponível em <<http://www.aol.com.br/revista/materias/2006/0021.adp>> Acesso em 01 jun. 2006.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Garrincha: o mito que a mídia não soube explorar**. Juiz de Fora: UFJF, FACOM 2. sem. 2005, 178 fl. Impre. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

PELÉ ETERNO. Direção: Aníbal Massaíni. São Paulo. Cinearte, 2004. 1 DVD (120 min.), DVD, som, colorido, nacional.

PIRAJÁ, Fábio. História do Rádio. *Locutor*. Disponível em: <<http://www.locutor.info/Biblioteca/HistóriaLocucaaoEsportiva.doc>>. Acesso em: 12 mar. 2006.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Brasil: futebol e identidade nacional**. *efdeportes*. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>>. Acesso em 30. jun. 2006.

ROBERTO, Marcos, BOGO, Luís. **É golo, pá!** As narrações do futebol português e suas expressões peculiares. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

SALDANHA, João. **O futebol**. Rio de Janeiro: Bloch, 1971.

SEPAC – Serviço de Pastoral à Comunicação. **Rádio: a arte de falar e ouvir (laboratório)**. São Paulo: Paulinas, 2003

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

TAVARES, Hamilton. *botãoepalhet* . Disponível em:

<<http://www.botãoepalhet.com.br/>>. Acesso em 02 de jun. 2006.

10 APÊNDICES

Apresento agora entrevistas com repórteres, locutores, narradores e botonistas sobre o assunto deste estudo.

APÊNDICE A: MÁRCIO DE OLIVEIRA GUERRA (radialista e professor da Faculdade de Comunicação da UFJF)

1) Como foi sua experiência quando jogava botão na infância e adolescência?

É uma das coisas que eu tenho na minha vida como uma das melhores experiências que eu já tive. Eu tinha quase duzentos times de botão. Eu fazia campeonato com desfile de abertura. Eu tinha campeonatos estaduais, brasileiro, Copa do Brasil. Eu fazia mil coisas. E destes campeonatos saía a Seleção Bons de Bola, que era a seleção dos meus melhores jogadores com a qual eu enfrentava meu primo, que tinha a Seleção dos Maiores. Ele também fazia várias competições. Às vezes ele me chamava para narrar os jogos dos campeonatos dele ou ele narrava os meus. Eu gravava minha narração. Eu usava sininho com sinal eletrônico. Eu apagava as luzes do quarto e colocava velas ao lado do campo para fingir que era poste de iluminação. Eu pegava embalagem de chocolate, um papel mais duro, para fazer faixa de torcida organizada. Era um verdadeiro ritual, onde eu comecei me interessar pela narrativa do rádio.

2) Podemos dizer então que você teve uma influência na escolha profissional a partir do futebol de botão?

Eu não tenho a menor dúvida. Pra mim foi uma grande influência. Claro que eu pensava em outras profissões antes de escolher a comunicação, mas na verdade, quando pintou a palavra comunicação na minha cabeça, com a opção do jornalismo esportivo, eu me remeti exatamente ao tempo que eu tive essa experiência. E quando eu fui chamado pela primeira vez para fazer rádio eu descobri que na verdade eu já fazia aquilo quando eu jogava botão.

3) Então você acha que o futebol de botão pode contribuir com a formação de novos locutores?

Eu acho que sim. É uma pena que hoje as nossas crianças não estejam habituadas a ouvir rádio e não joguem tanto futebol de botão como antigamente. Elas hoje em dia jogam vídeo-game, que tem só o futebol dentro do game. Mas o futebol de botão é incomparável. Não existe para mim nada parecido.

4) É possível imaginar que as partidas de futebol de botão narradas hoje em dia sejam mais influenciadas pelas narrativas de TV, diferentemente do que acontecia no passado, quando o rádio era a grande influência?

Não. Eu acho que a criança tanto na pelada do futebol como no futebol de botão, ela narra com o bordão do locutor da televisão, mas ela narra na velocidade do rádio.

APÊNDICE B: GULHERME MENDES (jornalista esportivo)

1) Você teve algum envolvimento com o futebol de botão na infância ou adolescência?

Acho que todos da minha geração passaram por essa experiência. Na década de 70 as principais diversões era jogar bola, soltar papagaio, brincar de carrinho e jogar botão. Naquela época era a gente que fazia as regras do botão. Éramos muito influenciados pelo rádio. Então a gente ia jogando e narrando as partidas.

2) Você acredita que o futebol de botão, essa “brincadeira”, possa ter sido um importante exercício para a formação de futuros narradores e jornalistas esportivos?

Com certeza. Estava trabalhando na Rede Globo de Belo Horizonte e surgiu o papo do futebol de botão. O Rogério Correa falou que brincava, O Bob Faria também. O Odilon Andrade também brincava. E o Luis Roberto também jogava. Nesta turma que tem entre trinta e cinco e cinquenta anos, que trabalha com o futebol no rádio e na TV você vai encontrar diversos profissionais que jogaram futebol de botão. Que jogavam e narravam. Que jogavam e brincavam de narrar. Acabaram achando que essa era uma opção profissional e investiram na carreira de jornalista.

3) Hoje em dia a garotada joga bem menos botão que no passado. Hoje eles jogam vídeo-game. Você acredita que possa surgir algum locutor ou jornalista esportivo que na infância narra partidas de vídeo-game?

Nunca pensei nisso não. Pode até ser que apareça um ou outro, mas bem menos do que os que surgiram que narravam partidas de futebol de botão.

4)Você acredita que as possíveis narrações ocorridas nas partidas de futebol de botão de hoje em dia possam ser mais influenciadas pelas narrações de TV, diferentemente do passado, quando o rádio era a grande influência?

Sim. A imagem é mais rica do que o rádio. A influência do rádio aconteceu em uma geração mais antiga, como a minha ou a dos meus pais. O rádio é mais rápido, mais dinâmico que a tv. A moçada de hoje em dia não houve rádio. Então eu acho que essa influência do rádio tende a diminuir. Então os narradores influenciados pelo rádio também vão diminuir. Antigamente o rádio transmitia tudo. Eu sou botafoguense e ficava escutando os times de basquete, de vôlei do Botafogo pelo rádio. Era nosso passatempo. Deitava na cama e ficava ouvindo aquelas transmissões. Acabava que a gente imitava aqueles locutores. Criança adora imitar. Hoje vemos bem menos isso. Até acontece, como no caso do “Pedala Robinho” do Pânico, mas é bem menos. O passatempo de hoje é vídeo-game, internet, bem diferente dos passatempos do meu tempo de infância.

APÊNDICE C: RENATO MACHADO (PROPRIETÁRIO DA ZIMMERMAN HAUSS – LOJA QUE VENDE BOTÕES)

1)Como se deu seu envolvimento com o futebol de botão?

Começou como uma brincadeira de criança mesmo. Comecei brincando. E como não tinha muitos botões para vender em Juiz de Fora, aqueles botões

bonitos, depois de certa idade eu comecei a procurar e comecei a trabalhar vendendo botões que a gente não tinha acesso em Juiz de Fora. Mas tudo começou como uma brincadeira mesmo.

2) Como que está a prática do futebol de botão hoje em dia? O pessoal joga menos que no passado?

Não. Eu acho que joga mais. Isso porque a gente tem acesso para comprar, o que não tinha antes. Antigamente só em grandes centros que você comprava botão. Hoje mesmo aqui em Juiz de Fora você acha muito botão para comprar e eu acredito que muito mais gente joga, bem mais que antigamente.

3) Neste tempo todo que você trabalha com botões e pratica também, você já observou botonistas que jogavam e narravam ao mesmo tempo?

Sempre, sempre. Mesmo as crianças, meus primos, eu mesmo, até sozinho, narrava as partidas. Sempre um narrando, o outro narrando, ou até mesmo sozinho.

4) Isso era uma influência do rádio?

Exatamente. Mais até do rádio que da tv.

5) Existia algum locutor preferido que fosse mais imitado?

Em específico um ou outro não. Mas os cacoetes de alguns locutores a gente percebia, como uma esticada a mais na voz.

APÊNDICE D: RODRIGO DIAS (JORNALISTA ESPORTIVO DA TV PANORAMA)

1) Você jogava futebol de botão na infância ou adolescência?

Tive sim. Eu lembro que eu tinha uns cinco seis anos quando minha avó fez uma compra de supermercado e nesta compra vinha como brinde um timezinho de futebol de botão, se não me engano do Atlético Mineiro. Eu ficava no cantinho da sala brincando com aquilo. Ali começou minha paixão pelo futebol de botão. A partir dali começou a me interessar, a comprar times, e “enchi muito o saco na minha mãe” até ela comprar o bendito do “estrelão”. Nesta altura eu já tinha uns doze anos. Quase seis anos depois do primeiro time. Até então eu brincava encima de mesa, no chão de taco, que atrapalhava o jogador deslizar, enfim, desde novinho eu me interessei pelo futebol de botão e despertou esta paixão em mim. Assim foi até uns anos atrás. Depois passei a ter outros envolvimento na vida e tive que deixar o futebol de botão de lado. Mas o futebol de botão sempre foi uma paixão pra mim.

2) Nesta experiência com o futebol de botão você chegou a narrar as partidas?

Eu fazia o seguinte. Como na minha cidade, Muriaé, eu não conhecia muitas pessoas que gostavam de jogar futebol de botão, eu jogava sozinho. Eu criava os campeonatos, com vários times, fazia “tabelinha”, passava horas confeccionando a “tabelinha” bonitinha, a aí eu disputava os campeonatos. O Fluminense sempre chegava na final, não porque eu sou

Fluminense, mas porque era o melhor time. Quando chegava na decisão, eu pegava um gravador daminha irmã, colocava do lado do “estrelão” e começa a narrar os jogos. Eu fazia tudo como se fosse uma narração mesmo. Falava a escalação dos times e como eu não tinha como colocar o hino do Fluminense em um outro aparelho de som, eu pegava e falava mais ou menos assim: *e agora entram em campo os artistas do espetáculo, o Fluminense definido* – eu mesmo fazia o sonzinho da vinheta – Fluminenseeeee. *Sou tricolor de coração...* a assim eu ia narrando o jogo. Depois que acabava a partida, o Fluminense campeão sempre, afinal não dava para perder para mim mesmo, eu ouvia a fita para saber se eu narrei bem.

3) Essas narrações que você fazia eram mais influenciadas pelo rádio ou pela TV?

Com certeza pelo rádio. Na minha época não havia tanta transmissão de jogos pela TV como existe hoje. Não que eu seja tão velho. Mas em 1988, 89, 90, a gente não tinha esta facilidade que a gente tem hoje, de assistir jogo por Sky, ESPN, TV aberta. Então eu fui muito influenciado por rádio, pela narração, principalmente, do José Carlos Araújo. Então todo dia à noite eu ouvia rádio para saber as notícias do Fluminense e estava sempre ouvindo os jogos pelo rádio. E isso me influenciou muito. O José Carlos Araújo e o futebol de botão fizeram parte da minha história. Inclusive o meu interesse em trabalhar com o jornalismo esportivo surgiu porque eu gostava de futebol, porque eu gostava de rádio. E a minha primeira experiência em imprensa foi justamente em rádio fazendo jornalismo esportivo. O futebol de botão e o rádio influenciaram na minha carreira.

4) Você acha então que o futebol de botão pode ter sido um exercício importante na sua formação profissional?

Não acho não. Eu tenho certeza. O futebol de botão foi muito importante. Se não fosse o futebol de botão de repente eu não teria me interessado pelas narrações, e uma coisa não estaria relacionada com a outra, e hoje talvez nem fosse jornalista. Talvez fosse um cara frustrado, trabalhando em uma outra coisa e decepcionado por não ter descoberto o que realmente eu queria que era fazer jornalismo.

5) Hoje em dia os meninos não jogam tanto futebol de botão como no passado. Hoje eles jogam mais vídeo-game. Você acredita que no futuro possam surgir profissionais da imprensa relacionados com futebol que narravam partidas de vídeo-game?

Acho que isso vai acontecer sim. Infelizmente o futebol de botão perdeu aquele espaço que ele tinha. Com isso, o vídeo-game, que é muito mais fácil para a criança, uma vez que ela já está na frente do computador, na frente da televisão, é muito mais fácil para a criança se envolver com os jogos eletrônicos do que com o futebol de botão. Mesmo a divulgação na mídia é maior sobre jogos eletrônicos. Então é bem provável que daqui a poucos anos a gente tenha profissionais da imprensa que começaram narrando jogos de TV ou de vídeo-game.

APÊNDICE E: ROGÉRIO CORREA 9 (NARRADOR DA TV GLOBO DE BELO HORIZONTE)

1) Você jogava futebol de botão na infância?

Jogava futebol de botão, sim, com o meu irmão, com os meus amigos. Era consequência da minha paixão pelo futebol. Joga futebol de campo, de salão, society, etc.

2) Você teve a experiência de jogar botão e ir narrando os lances ao mesmo tempo?

Na infância, não pensava em ser narrador. Logo, não lembro de ter "brincado" de narrador. Mas sei que alguns narradores famosos e competentes - como o José Carlos Araújo - relatam que "começaram a carreira", narrando futebol de botão.

3) Você acha que essa “brincadeira” de narrar jogos de futebol de botão pode ter sido um exercício relevante na formação de locutores, narradores e jornalistas esportivos?

Acho que pode ajudar, sim. A prática é importante para melhorar o improviso.

4) Você acredita que as narrações nos campos de futebol de botão eram mais influenciadas pelas narrativas do rádio ou da TV?

Não sei. O que o posso dizer é que as narrações de TV sempre foram influenciadas pelo Rádio. Com o tempo, no entanto, os narradores de TV acharam o próprio caminho.

APÊNDICE F: OSCAR ULISSES (NARRADOR DA RÁDIO GLOBO)

1) Você teve alguma influência na escolha profissional ou inspiração a partir de experiência narrando futebol de botão, quando criança?

Não.

2) Tinha hábito de jogar e narrar ao mesmo tempo?

Sim.

3) Acha que o futebol de botão contribui para a formação de novos narradores esportivos?

Pode ter contribuído para o desenvolvimento daquele que gosta de narrar jogos e futebol de botão. Tentando explicar melhor: quem tem o interesse em narrar jogos vai brincar com essa idéia sempre que possível, até no jogo de botão.

4) O garoto, antigamente, tinha muito contato com o rádio, já crescia ouvindo rádio. Hoje, Com o avanço da imagem e com o hábito de ver o jogo na TV, essa relação é menor. É possível imaginar que as partidas de futebol de botão dos possíveis narradores do futuro sejam mais influenciadas pela narrativa da TV?

Sim. Hoje o interesse maior é pela tv. Ela (TV) influencia muito mais.

APÊNDICE G: IVAN ELIAS (JORNALISTA / RADIOALISTA)

1) Como foi sua experiência jogando futebol de botão na infância e adolescência?

O futebol de botão, todo mundo que é da minha geração jogou. Lá em casa somos quatro irmãos e mais meu pai. A gente fazia campeonatos internos. E enquanto a gente ia jogando, ia narrando também. No início a gente jogava no chão, na mesa, mas depois jogávamos no “estrelão”. Aí para quem gosta de futebol é prato cheio. Chegou a ponto que a gente comprava mais botões pela sua beleza, pelo seu desenho do que por ser o time do coração. Cada jogador tinha seu nome, tinham as capas de relógio, botões antigos. O Fluminense sempre chegava. O mais difícil era fazer a sonoplastia durante as narrações destas partidas.

2) Essas narrações que você fazia eram mais influenciadas pelo rádio?

Com certeza. Sem querer entrar na questão da idade, naquela época não tinha essa riqueza de transmissões pela TV que vemos hoje em dia. TV por assinatura nem pensar. A gente acompanhava os jogos do campeonato carioca ao vivo pela TV Industrial. Depois foi proibido. Então a gente só acompanhava o vt. Não tinha essa cobertura total que tem hoje. A gente ficava igual doido aqui em Juiz de Fora para poder ver a final do campeonato. Lembro da final de 78, entre São Paulo e Guarani que a gente ficou na expectativa o dia inteiro para saber qual emissora ia passar. Então a gente ficava ligado mesmo nas rádios. Rádio Globo com Waldir Amaral e Jorge Couri. Já na década de 80 a Rádio Nacional tinha o José Carlos Araújo. Tinha também o Edson Mauro. Ou seja, a gente acompanhava

mesmo era pelo rádio. Também acompanhávamos as rádios de Juiz de Fora.

3)Hoje em dia os jovens jogam bem menos futebol de botão. Hoje o vídeo-game é a grande atração. Você acredita que no futuro possam existir futuros profissionais da imprensa que começaram narrando partidas de vídeo-game?

Os vídeo-games já têm uma base de narração que impede parcialmente que quem participe narre também. Acredito que esses passatempos mais antigos, como o io-iô e o peão, têm ainda seus momentos de moda. Então eu acredito que numa dessas modas o futebol de botão também possa cair no gosto da garotada. Porque essa quantidade de jogos eletrônicos tem na parte visual um atrativo muito grande. Mas jogar o futebol de botão era muito mais interessante. A gente jogava com bolinha quadrada, com redonda, com disco. Tinham os goleiros. Para gente que jogou o futebol de botão, não tem comparação com os jogos eletrônicos. Temos dificuldade até de pegar no controle dos vídeo-games atuais.

APÊNDICE H: RENATO BAUMGRATZ (RENOMADO BOTONISTA DA MODALIDADE TRÊS TOQUES)

1) Como você começou a jogar o futebol de botão?

Eu comecei a jogar o futebol de botão na rua da minha mãe. Juntava uma garotada danada. Tinha o Gilson Nogueira que morava na Luiz Detsi e que fazia campeonatos na garagem da sua casa. Ali começou a nascer a

modalidade dos três toques e, Juiz de Fora. Era início da década de oitenta.

2) Neste tempo todo que você joga, chegou a narrar partidas de futebol de botão ou conheceu alguém que narrava?

Vi com certeza. Eu mesmo chagava a narrar, mas pouco. A gente brincava mais na hora que saía o gol. Isso acontecia muito na em 1975. Eu tinha uns dez anos. Nessa época, os jogos do Campeonato Carioca passavam ao vivo pela TV Industrial. Na TVE tinha o José Cunha. Era ele quem mais influenciava nossas “narrações”. A locução dele era muito interessante. Quando saía um gol, em vez do grito de gol, ele tocava o hino da equipe.

3) Hoje em dia a garotada joga bem menos botão. Hoje eles preferem jogar vídeo-game. Como você vê esta substituição do futebol de botão pelo vídeo-game?

Vou ser bem franco. Eu até comento isso com meus alunos. Não acho que a relação seja tão ruim. A diferença é que o futebol de botão toma um tempo bem menor, porque depois que você aprende já está aprendido. No caso do vídeo - game não. Toda vez que surge um jogo mais novo a gente tem que começar do zero.

4) Nesses duelos de vídeo-game você já observou alguém narrando os jogos?

Sempre. Sou professor particular e todos meus alunos têm vídeo-game. Após as aulas sempre sobra tempo para uma partidinha. Eles narram as partidas, comemoram os gols. Tem um aluno, o Rafael, que fez um atacante para o Milan. É um amigo de verdade que tem o apelido de Guevara. No jogo ele usa óculos escuro, como na vida real. Narrar as

partidas todos narram. E olha que este é um assunto pelo qual me interessa muito. Quando um narrador é ruim a coisa fica complicada. Fica mais ou menos assim: João pegou a bola, tocou para Thiago, Thiago toca para Leonardo. Minha definição de bom é ruim é bem básica. Tem que prender o ouvinte. Quando é ruim, eu ligo e radinho e acompanho pela tv. Mas mesmo o rádio ainda hoje anda pobre. Antigamente a gente tinha bem mais locutores de qualidade. Hoje é mais o Garotinho. O melhor para mim do rádio era o Jorge Couri. Tinha um vozeirão e sua transmissão era muito rica de bordões. Da TV o melhor que conheci foi o Deva Pascowich. Era gordo e tinha um vozeirão. Não sei que fim ele levou.

